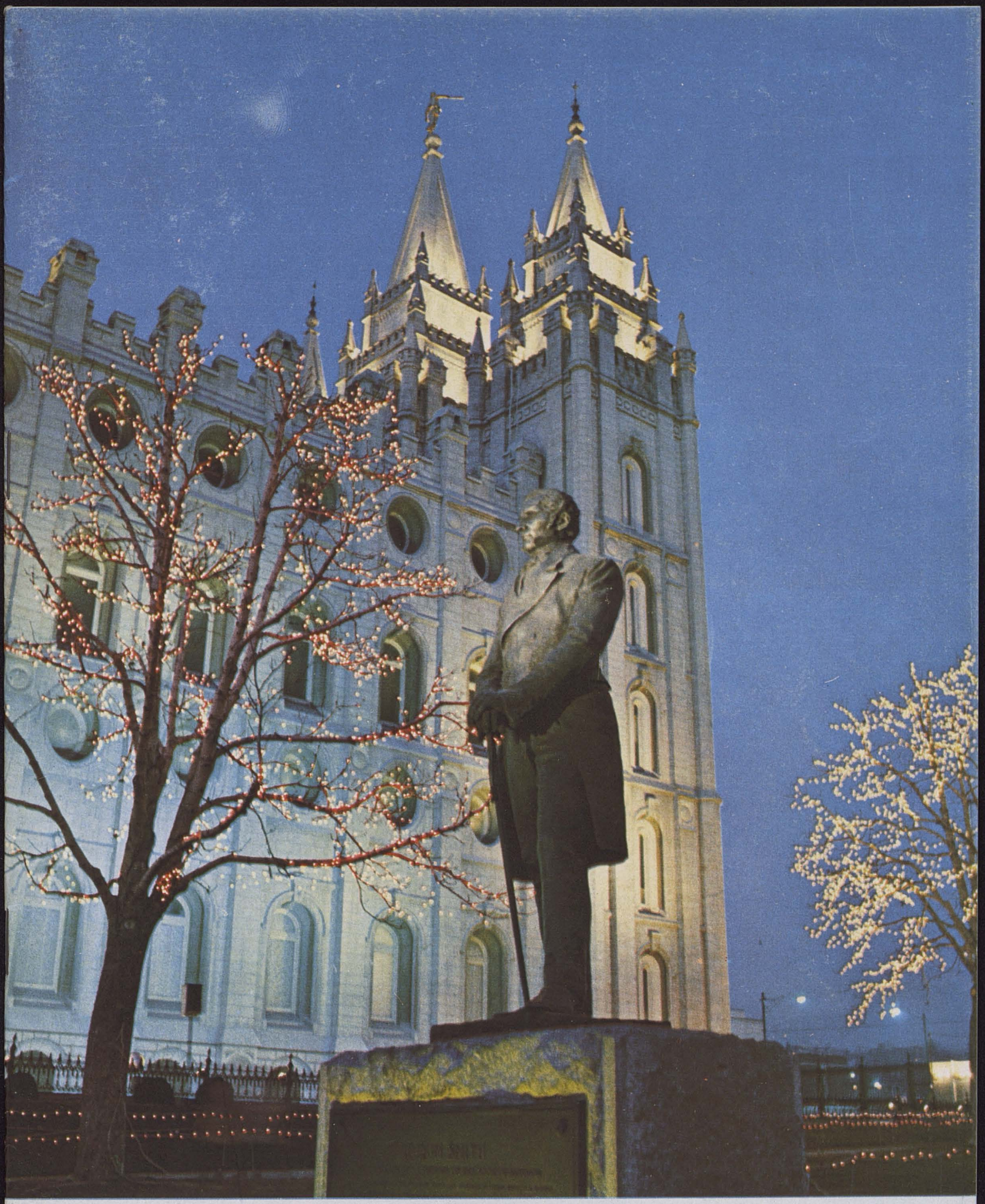


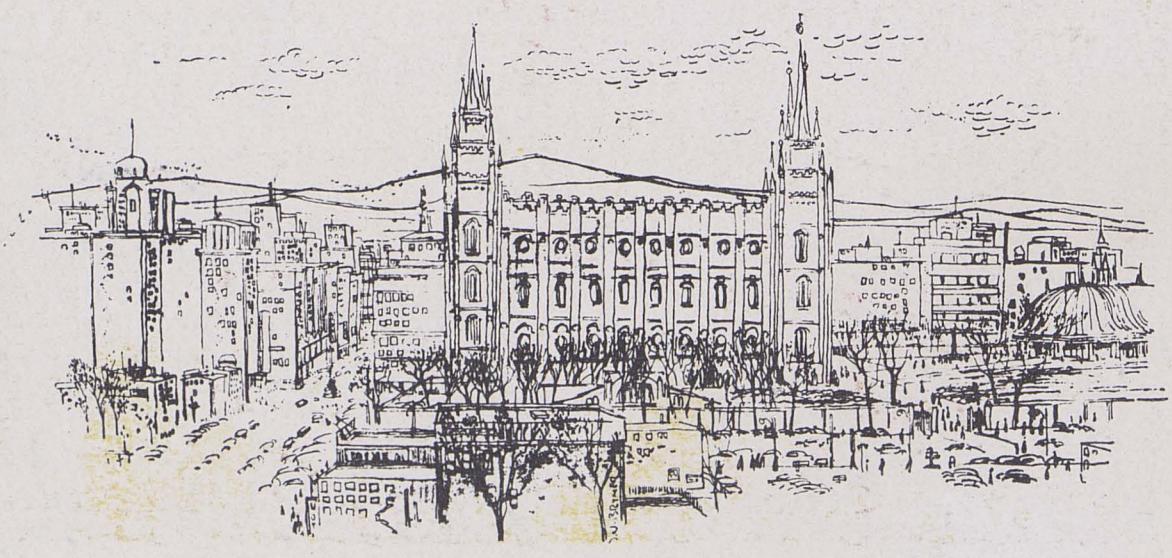
A LIAHONA

Dezembro *1967*

Mensagem de Natal

Presidente David O. McKay

A revelação de que Jesus Cristo, o Salvador do mundo, é um ser divino pessoal é maravilhosa, é a mais sublime do mundo. Esta revelação assegura-nos o significado divino dêste Natal que ora celebramos. Pouco importa que a história nos diga não ser esta a estação do ano correspondente ao Seu nascimento. Uma vez que os pastôres palestinos ficavam em vigília de abril ao outono, o evento não se deu em dezembro. O que importa é o espírito do Natal, o sentimento de que somos Seus irmãos, o desejo de vivermos de modo a podermos voltar à presença do Rei dos Reis e Senhor dos Senhores, como o fizeram os pastôres. Não queremos viver uma vida que nos afaste do Cristo.



COMUNICADO

A partir de 1.º de Janeiro de 1968 o preço da assinatura anual de A LHIAHONA *passará a ser de NCr$ 5,00.*

Convidamos todos a renovarem suas assinaturas até o dia 31 de Dezembro aproveitando o preço vigente de NCr$ 3,00.

Explorando o Universo

Dr. Franklin S. Harris Jr.

Virus da Verruga

O virus que causa a verruga no homem tem sido cultivado fora do corpo humano em culturas de células de pele de embrião humano e de rato. A divulgação dêste sucesso inicial obtido no Laboratório de Pesquisas sôbre o Câncer, do Centro Médico Albert Einstein, de Filadélfia, relembrou que ainda não se sabe se o virus da verruga artificialmente desenvolvido pode produzir verrugas no homem.

Marés Atmosféricas

Existem oscilações da pressão barométrica, chamadas marés atmosféricas, causadas pela atração dos campos gravitacionais do sol e da lua, e pelos efeitos calefatores do sol. O Prof. B. Haurwitz observa que nas regiões tropicais da terra há duas máximas por volta das 10:00 e 22:00 horas e duas mínimas cêrca de 6 horas depois. A amplitude da variação é de cêrca de um milésimo de atmosfera de pressão. Uma vez que a força gravitacional de maré da lua é 2,2 vêzes maior que a do sol e a maré lunar semi-diurna da atmosfera da terra é cêrca de 15 vêzes menor que a do sol, a diferença deve ser provocada principalmente pela ação calefatora do sol.

O Nosso Sol e a Galáxia da Via-Láctea

O nosso sol acha-se a meio caminho da borda da nossa galáxia em forma de pizza, a Via-Láctea, cujo diámetro a luz leva 100.000 anos para atravessar. Nossa galáxia contém cêrca de 100 bilhões de estrêlas e completa uma rotação cada 250 milhões de anos. A galáxia mais próxima da nossa é chamada Andrômeda ou Messier 31, a sua luz leva quase dois milhões de anos para chegar até nós. A distância é medida pelo período de pulsação das estrêlas varíaveis Cefeidas, que revela o seu verdadeiro tamanho e luminosidade.

A LIAHONA

Órgão Oficial da Igreja.
Dezembro de 1967.
Volume XXI
Número 12

ARTIGOS:

5 **A Partir de Cumorah — XXI.** Hugh Nibley

8 **As Coisas dos Judeus.** Dale C. LeCheminant

10 **Por que os Mórmons Guardam o Sábado — III.** H. da R. Camargo

13 **Uma Surpresa para Vovó.** Frances C. Yost

17 **Aquêles que Mais Amam.** Sue Smart

20 **Esculturas de Natal.** Douglass Stevenson

25 **Os Feixes de Cevada.** Bernardine Beatie

27 **Bebeto.** Lowell M. Durham, Jr.

29 **Um Crocodilo Não Vai á Escola Dominical.** Janice Dixon

30 **A Caixinha de Ron-ron Perdida.** Blanche Bolshinski

SEÇÕES:

2 **O Espírito do Natal.** Mensagem de Natal

4 **Paz, Boa Vontade e Vida.** Mensagem de Inspiração

15 **Alguns Desafios Para Líderes de Jovens.** Bispado Presidente

23 **Um Apêlo a Maior Diligência.** Genealogia

24 **Marcadores de Lugar.** Algo para Fazer

24 **Escola Dominical**

28 **Perguntas que Estimulam a Reflexão.** Ensino

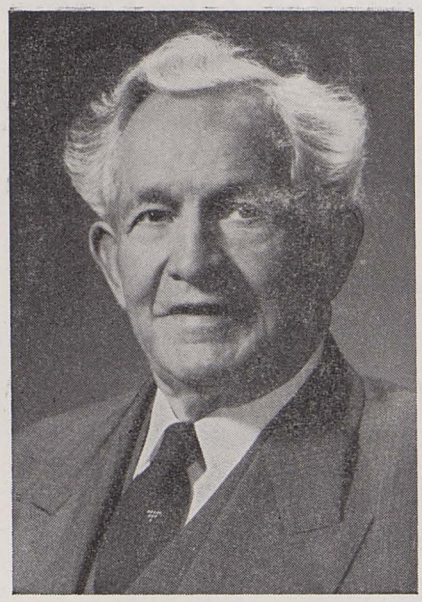
32 **Embrulhado para Agradar.** Sociedade de Socorro

34 **Fiéis no Pouco, Fiéis no Muito.** Cartas

35 **O Leão e o Delfim.** Milt Walsh & Bill Hammer

Capa: Monumento ao Profeta Joseph Smith diante do Templo iluminado durante as comemorações natalinas. Foto de Lorin F. Wheelright.

A Liahona, R. Afonso Braz, 464, 3.º, Cj. 31, Fone 61-2344 — São Paulo. Editor: Hélio da Rocha Camargo; Redator: Francisco Máximo C. da Silva **A Liahona**, orgão oficial da estaca e missões brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias, editada pelo Centro Editorial Brasilero, é tradução do Unified Magazine e se acha registrada sob o número 93 do Livro B. n.º 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto n.º 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Assumpção Teixeira Ind. Gráf. S.A., R.Ana Neri, 466 São Paulo.
Estaca São Paulo, R. Iguatemi, 1980, São Paulo; Missão Brasileira, R. Henrique Monteiro, 215, fone 80-4638, CP 862 São Paulo SP; Missão Brasileira do Sul, R. Gen. Carneiro, 490, fone 4-8061, CP 778, Curitiba PR; Missão de Construção R. Itapeva, 378 fone 33-6761. São Paulo SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação.
Preços: Assinatura anual para o Brasil NCr$3,00, para o exterior simples US$3.00, aérea US$7.00. Exemplar NCr$0,30, atrazado NCr$0,60. As mudanças de enderêço devem ser feitas com trinta dias de atecedência, devendo indicar o antigo e o nôvo enderêço.



Paz Boa Vontade e Vida

Pres. David O. McKay

Natal! — a melhor época do ano. A um primeiro pensamento é estranho que assim seja, particularmente nos climas frios. Os dias são curtos e tristes; as noites, frias e longas; as àrvores estão despidas de fôlhas e a paisagem é desolada ou coberta de neve. Contudo, o Natal, mesmo no mais rigoroso do inverno, é pleno de felicidade e entusiasmo.

Isto sucede porque nos países cristãos as festas de fim de ano estão impregnadas do espírito de Cristo. Nessa época, mais que em qualquer outra, pensa-se nos outros e procura-se expressar, quer por palavras, quer por atos, nosso desejo de torná-los felizes. Aqui jaz o segrêdo da felicidade real. Qualquer que perder sua vida por amor de mim e do evangelho, êsse a salvará é uma sólida maneira de pensar que o verdadeiro espírito do Natal ajuda-nos a compreender.

Se me fôsse perguntando qual a cidade que mais deu ao mundo em civilização, eu responderia sem hesitar, Jerusalém. Concederia àquela antiga cidade essa distinção, não por ser a "Cidade de Davi", nem porque ainda hoje é objeto da veneração de três grandes religiões da humanidade, mas porque a associo com a vida, os ensinamentos e a morte de Jesus Cristo, o Redentor do mundo.

Oito quilômetros ao sul de Jerusalém fica Belém, cidadezinha pequena mas de grande significado histórico, que também será venerada enquanto houver corações cristãos para sentir ou lábios para orar. Sua impôrtancia advém não de ser uma das mais antigas cidades da Palestina, nem por estar associada à bela história de Rute, ou ao lar de Jessé e Davi e muitas outras pessoas e incidentes importantes na história bíblica, mas porque em Belém nasceu o Salvador da humanidade.

"Jerusalém" (em cananeu Urusalim, em hebraico Yarushalayim) significa "a habitação da paz". "Belém" (Beit Lahm) quer dizer "a casa do pão", talvez porque desde tempos muito antigos tem sido uma zona fértil e porque a planta original da qual se desenvolveu o trigo só foi encontrada em estado nativo nas suas cercanias. É significativo que do lugar de procedência do pão, o "sustentáculo da vida", brotasse também o "pão da vida" da humanidade.

Paz! Vida — vida eterna! A época festiva que se avizinha, na qual celebramos o nascimento do Redentor, deve ampliar extremamente o significado dessas palavras.

Paz, o oposto do mêdo, foi a mensagem transmitida aos pastôres pelos anjos, que disseram: "Não temais, porque eis que vos trago novas de grande alegria".

A *paz* foi proclamada por êles, quando cantaram: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens".

"Agora, Senhor, despede em paz o teu servo", clamou o velho Simão, ao contemplar inspirado a Bendita Criança que seria "Luz para alumiar as nações e glória de teu povo Israel".

Paz e boa vontade sem dúvida encheram o coração dos Magos, ao trazer seu ouro rebrilhante e suas ricas oferendas ao Rei dos Judeus. Na verdade, tôda a sua riqueza era desprovida de valor em comparação com o sentimento que os arrebatou e prostrou de joelhos em adoração a seu rei, a quem haviam encontrado através do exercício de sabedoria e sincera busca da verdade.

Amor a Deus e ao próximo deve ser o tema do Natal. Tal foi a anunciação divina feita pelas hostes celestiais, primeiras a proclamar as "boas novas de grande alegria!"

"Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens!" Que profundo e abrangente é o significado disto! No Natal celebramos o nascimento daquele em cuja missão (1) Deus é Glorificado; (2) a terra recebe promessa de paz; e (3) a todos os homens é dada certeza

(Conclui na página 33)

Descobertas recentes lançam nova luz sôbre a identidade do desconhecido profeta Zenos e fornecem informações "...com as quais nenhum homem sonhava" concernentes à autenticidade do Livro de Mórmon.

A Partir de Cumorah

NOVAS VOZES DO PÓ

XIX -- Zenos Novamente

Hugh Nibley

Prof. de História e Religião na Universidade Brigham Young

Novamente Zenos. Em 1893, M. R. James publicou versões grega e latina de um antigo texto intitulado "A Visão de Zenez, Pai de Otoniel".[95] Como o pai de Otoniel na Bíblia é Kenaz e não Zenez, James traduz o título como "A visão de Kenaz", apesar de o nome que aparece nos textos ser sempre Zenez; e James confessa-se incapaz de explicar como C ou K "poderia ter-se corrompido em Z" — mas o fato era êsse. Êle considera o texto em si "um documento tão curioso quanto se possa imaginar", cujo "significado, fonte, data e propósito" zombam dêle totalmente; pois à primeira vista parece não haver nenhum lugar da literatura apócrifa em que se possa enquadrar êste curioso fragmento, tão completamente sem contexto ou conexões surge êle diante de nós". A razão disso é ser êle muito mais antigo do que qualquer apócrifo: "Assim, a Visão de Kenaz ajudaria a atestar a existência de espírito profético no período obscuro dos Juízes". O próprio Kenaz é de uma misteriosa linha profética: seu irmão mais velho era Caleb, "sôbre quem o Espírito do Senhor tinha repousado e que é conhecido como tendo presenciado a Assunção de Moisés". Muito tempo depois de James ter escrito isso, descobrimos que a *Ascensão de Moisés* era a escritura favorita do povo de Qumran, que associava a si mesmo com essa linha profética. Também Otoniel, o filho de Kenaz, profetizou pelo Espírito do Senhor. De acôrdo com a Enciclopédia Judaica (S. V. Kenaz), Kenaz não era o pai, senão um ancestral de Otoniel; mas um dos netos de Caleb era também Kenaz, assim como um dos netos de Esaú. A confusão é típica, mas não necessàriamente incompreensível: afinal, nomes de família repetem-se em qualquer época.

Já em 1893 James notou que "a linguagem e a forma de expressão" de Zenez "assemelha-se fortemente à de 4 Esdras", e é ainda mais próxima do "estilo e pensamento de Ezequiel". Hoje, isto pode ser definidamente tomado como indicação de que a Visão de Zenez é antiga e judaica e não, como James aventou, entre outras possibilidades, "uma mera tentativa medieval de imitar profecias do Velho Testamento".

O fragmento de Zenez principia relatando que "em certa ocasião, quando os Anciões estavam assentados em reunião, o Santo Espírito inspirador veio a Zenez e êle foi privado de seus sentidos, começando a profetizar..." Pode-se abrir um parênteses aqui para relembrar como Deus visitou o Zenos do Livro de Mórmon "no meio das tuas congregações". Da mesma forma que Zenos, Zenez fala como um verdadeiro profeta: "Ouvi agora, ó habitantes da terra. Assim como aquêles que habitaram nela profetizaram antes de mim, tendo antevisto esta hora, no tempo antes da corrupção da terra..." Também como Zenos, Zenez está conscio de pertencer a uma linha de profetas, todos os quais testificaram das mesmas coisas (confronte-se com Helamã 8:22); êle fala para "que todos vós habitantes possais conhecer as profecias de acôrdo com o que já foi dito". Está aqui presente o tema comum de um plano definido, que foi pregado ao mundo por várias gerações de profetas.

Voltando à mensagem em que Zenez relembra a seus ouvintes o estado das coisas na criação da terra; êle vê "chamas de fogo que não consomem e fontes brotando da primitiva inatividade, numa época em que ainda não havia fundações para o homem habitar". Quando finalmente surge êsse alicerce entre os mundos superior e inferior, uma voz diz a Zenez: "Êsse é o alicerce preparado para o homem habitar durante os sete milênios vindouros". Depois êle vê figuras como de pessoas "saindo da luz de mundos invisíveis", e lhe é dito que "êsses são os que habitarão" as fundações em nome de Adão. "E acontecerá que quando êle (o Adão terreno) pecar contra Mim e a plenitude dos tempos vier, a fagulha será extinta, e a fonte secará, e assim as coisas se alternarão". Isto representa os ciclos de visitação e apostasia entre os filhos dos homens, tema básico na primitiva Apócrifa judaica e cristã. "E, após Zenez ter falado essas coisas, despertou e seu espírito retornou, e êle não se recordava do que havia dito e visto". Então Zenez saiu e pregou ao povo dizendo: "Se êsse deve ser o descanso (*anapausis* — descanso em progresso) do justo

após ter deixado esta vida (isto demonstra que grande parte da visão está faltando), convém-lhe morrer para as coisas dêste mundo (ou era) corruptível, para que não contemple seus pecados. E, após ter dito essas coisas, Zenez morreu e dormiu com seus pais: e o povo o chorou por trinta dias". Êle foi evidentemente um profeta famoso, mas esquecido por completo. Setenta anos atrás James não conseguiu encontrar nenhum escrito com o qual comparar êste texto, mas agora o leitor deve estar apto a reconhecer o estilo familiar dos Manuscritos, dos escritos Nag Hammadi e do Livro de Mórmon. E, com a palavra final, podemos agora afirmar que houve um profeta chamado Zenez, uma figura misteriosa que viveu antes de 600 AC e teve uma grande visão da criação e do plano da vida, como resultado da qual chamou os homens ao arrependimento.

O Mistério de José. Se há nome que serve como ponto nodal para interligar o maior número de escritos apócrifos, êsse nome é José. O Livro de Mórmon trata intensamente da tradição de José: "...Tirei êste povo da terra de Jerusalém", diz o Senhor através do profeta Jacó, "...para que nêle Eu conseguisse criar um ramo justo do fruto dos lombos de José." (Jacó 2:25.) O irmão mais nôvo de Jacó era chamado José como uma lembrança de que José era o ancestral da familia; que êle também sofrera no deserto; e, mais, que "José verdadeiramente viu *nosso* dia" (Palavras de Lehi; 2 Nefi;3:5. Itálicos do autor.); e quem em eras ainda por vir heveria outros com êsse nome: "Porque José em verdade testemunhou, dizendo: O senhor meu Deus levantará um vidente...

"E seu nome será igual ao meu; e será também chamado pelo nome de *seu* pai". (Ibid., 3:6, 15. Itálicos do autor).

Finalmente, Lehi conclui: "E agora, meu filho José, eis que dêsse modo foi que profetizou *meu* pai de outrora", pois chama o Patriarca José seu pai. (Ibid., 3:22. Itálico do autor).

Dupont-Sommer louvou o gênio de R. H. Charles, o qual, quarenta anos atrás, notou que boa parte do Nôvo Testamento, "especialmente o Sermão da Montanha", remonta a um velho apócrifo judáico conhecido como o *Testamento dos Doze Patriarcas,* que Molin e outros, por seu turno, demonstraram ser os escritos mais próximos de tôda a Apócrifa dos Manuscritos do Mar Morto.[96] A figura chave dêsses escritos é José, "a personagem mais impressionante e misteriosa dos Testamentos", de acôrdo com Philonenko, um especialista no assunto. "Êle é a personagem central, o pivô ... Modêlo de tôdas as virtudes ... objeto de ódio e ciúme de seus irmãos".[97]

"Como se pode explicar êsse apaixonado interêsse?" pergunta Philonenko e nota que Hipólito, um dos mais antigos autores cristãos, cita na verdade os *Doze Patriarcas* para demonstrar que José é a prefiguração de Cristo.[98] M. de Jonge, que crê que o testamento é em realidade um escrito cristão, salienta que "José era muito comumente considerado como um tipo do Cristo" pelos primitivos autores cristãos.[99] À luz dos Manuscritos, torna-se claro que o *Testamento dos Doze Patriarcas,* exceto por algumas interpolações de menor significado, é difinidamente uma obra pré-cristã.

A recém-descoberta versão hebraica do *Testamento de Naftali* (um dos doze) fala da disputa entre José e Judá. Nela Naftali vê Israel como um navio no mar, "o Navio de Jacó". "Enquanto José e Judá permaneceram unidos, o navio deslizou suave e calmamente, mas quando irrompeu o desentendimento entre êles, não seguiu mais em direção certa, mas andou errante e sossobrou".[100] O estudioso do Livro de Mórmon naturalmente pensará de imediato no desentendimento dos irmãos dentro do navio de Lehi, que também foi desviado de seu curso e quase foi a pique; e êle é autorizado a tanto, porque Alma, centenas de anos mais tarde, analisa o fato como um tipo, uma imagem. Para essas pessoas, coisas simbólicas podem ser também reais, como quando Lehi fala de "José, meu filho mais jovem, a quem eu trouxe do deserto de minhas aflições" (2 Nefi 3:3) — um deserto simbólico, mas em tudo e por tudo bem real.

Quando o navio de Jacó rompe-se, de acôrdo com nossa história, todos os irmãos se agarram a pranchas flutuantes e são assim levados pelos ventos e dispersados em tôdas as direções, exceto Judá e Levi, que se agarram à mesma tábua, enquanto que apenas José consegue se afastar num bote salva-vidas. O aspecto mais admirável do relato é a rivalidade entre José e Judá — por que êsses dois em particular? Para o estudioso do Livro de Mórmon isto parecerá mais que uma coincidência, pois o aparecimento do livro nos últimos dias prognostica a reunião dêsses dois irmãos (a união da Vara — livro *ou* tribo — de José à de Judá) como o necessário prelúdio para a coligação de todos os outros. E mais, o quadro de José levado para longe sôbre os mares em seu próprio barco, enquanto as outras tribos vagueiam a esmo, agarrando-se a qualquer apoio que possam encontrar, é ainda mais admirável para o leitor do Livro de Mórmon.

O professor Philonenko de Estrasburgo declara que o *Testamento dos Doze Patriarcas* atribui "uma importância particular ao *manto* que Jacó deu a José. O *Testamento de Zebulon* (um dos doze) afirma que José tinha *dois* mantos, um bom e um mau;[100] isto, como é natural, leva-nos diretamente ao discurso de Moroni a respeito dos remanescentes do manto de José, que apresenta uma versão mais completa dos fatos — fora daí só encontrei outra em Tha'labi, o mais bem informado de todos os comentadores muçulmanos das tradições judaicas.

Tha'labi também tem algumas coisas muito interessantes a respeito da preexistência de José: "A maioria dos exegetas afirma que José é um nome hebraico ... e Abu-l-Hasan ... declarou que *asaf* quer dizer "tristeza" naquela linguagem e *asif* é "servo", ambos aparecendo combinados no nome José".[101]

A identificação de José com Asafe é, na verdade, uma autêntica tradição hebraica. Adão em visão "viu José sentado em tôda a sua glória e clamou: "Quem é aquêle nobre que se assenta em tão exaltado grau de glória?" E Gabriel respondeu: "Ó Adão, aquêle é o teu filho, o invejado..." Então Adão o apertou contra o peito e o coração e disse: "Ó meu filho, não te entristeças (asaf), pois tu és José. Assim lhe deu êle o nome". O autor ficou intrigado com essa situação preexistente e explicou que "José sabia tudo no princípio, com a preeminência de sua inteligência, e foi instruído sôbre o assunto (de suas vicissitudes futuras) exatamente como sucederia e viu que haveria de ser desta e daquela forma antes de existir. Mas isto é coisa que apenas Deus compreende — a forma como, por exemplo, Adão conhecia todos os nomes (de seus filhos) antecipadamente".[102] A expressão "antes de existir" ocorre inúmeras vêzes, tanto nos Manuscritos como no Cenobóscion e é explicada no *Evangelho da Verdade,* da última coleção.[103] Sua mais antiga ocorrência nos tempos modernos, o quanto sei, está na edição de 1851 da Pérola de Grande Valor, onde no princípio do "Livro de Enoque" lemos: "Eu sou Deus; fiz o mundo e os homens antes que existissem na carne".[103a]

O mistério de José aparece na admoestação de Benjamim a seus filhos, nos *Doze Patriarcas:* "...segui o exemplo do santo e bom José. Pois até sua morte êle não quis falar de si mesmo ("Ninguém conhece minha história!");* mas Jacó, tendo-a ouvido de Deus, relatou-a a êle (Benjamim).[104] Nos Pergaminhos do Mar Morto o famoso Mestre de Retidão é também chamado *Asafe,* sendo êsse, como já vimos, um dos nomes de José, que "assim enquadra-se na tradição de José".[105] Jacó abençoou José, de acôrdo com a afirmação de Benjamim, dizendo: "Em ti cumprir-se-á a profecia dos céus, a qual diz que o imaculado será profanado em favor dos homens iníquos e sem pecado morrerá pelos ímpios". De acôrdo com o *Testamento de Zebulon,* os três dias de José no poço foram simbólicos da descida do Senhor aos espíritos em prisão.[106] Vê-se imediatamente que o tipo de José seria aplicado a qualquer servo sofredor, apesar de o Messias permanecer como o arquétipo. O Mestre da Retidão, por exemplo, é também chamado O Justo, Asafe, o filho de Baraquias, José o Justo, José ben Joezer; de forma que êle, na realidade, "surge diante de nós como uma figura mista", segundo Schoenfield, exatamente como seu oponente iníquo.[107] A tradição de José foi traçada projetando-se tanto para o passado como para o futuro e Bo Reicke encontrou paralelos significativos nos fragmentos Ras Shamra dos séculos quatorze e quinze AC.[108]

Como os Manuscritos do Mar Morto não são mais que "a abertura de uma estreita fresta para a visualização da vida e costumes de um grupo extraordinário de pessoas perdidas para a história",[109] é surpreendente que, olhando através de outras frestas, encontremo-nos contemplando em muitos aspectos a mesma cena. O fenômeno é explicado hoje pelo fato de os Manuscritos e outros corpos de escritura judaica e cristã todos beberem de uma mesma fonte. Assim, salienta Gilkes, Deuteronômio, Isaías e os Salmos são as fontes favoritas de Jesus, "que parecem ter sido também leituras favoritas em Qumran".[110] As frestas, na verdade, dão para uma mesma cena, mas de distâncias diferentes e em diferentes ângulos. Elas são "espelhos refletindo a mesma fonte", como o qualifica Leaney — ramos do mesmo tronco.[111] Os Manuscritos, diz o Padre Milik, são "essencialmente uma autêntica projeção do Velho Testamento", com um toque especial de piedade "orientado no sentido de uma união íntima com Deus e os anjos".[112] Cada uma dessas declarações expressa notàvelmente bem o que o Livro de Mórmon reclamava para si ao tempo em que era considerada blásfema a idéia da mera existência de qualquer outra coisa que pudesse ser chamada "uma autêntica projeção" da Escritura. O mundo possui hoje um acervo de documentos que não sòmente defende o conceito da existência e sobrevivência dêsses escritos, mas torna possível submeter a teste vários escritos não classificados, à medida que aparecem. O valor dos textos de Qumran e Nag Hammadi é que ambos são elos de uma longa cadeia, não estando em nenhuma das extremidades, mas em algum ponto do meio; as conexões projetam-se para o futuro e para o passado. "Existe alguma evidência", escreve F. F. Bruce, "de que certas crenças e práticas aparentadas com as mantidas em Qumran reapareceram em outras comunidades, possìvelmente sob a influência de habitantes de Qumran que escaparam à destruição".[113] Cullmann vê um tal ressurgimento nos mandeanos e Schoeps nos ebionitas. No outro sentido, Qumran é em si mesma um ressurgimento, procurando ciosamente preservar a liderança inspirada e os costumes da antiga Israel no deserto; lá, como salienta K. Kuhn, "encontramos a fonte essencial do Evangelho de João e essa fonte é palestino-judaica", mas não do tipo convencional: "Não do Judaismo farisaico-rabínico, mas uma seita pietista palestino-judaica de estrutura gnóstica".[114] Como para os textos copta do Egito, a designação dêsses escritos como "gnósticos" serve simplesmente para demonstrar que sua base real ainda é desconhecida. Mas era seguramente antiga.

"Os participantes do convênio de Qumran", escreve Bruce, "uniram-se por um nôvo convênio, mas não era tão nôvo como supunham; tratava-se de uma ... reafirmação do velho convênio dos dias de Moisés".[115] Porém ninguém conhecia isso melhor que os próprios participantes do convênio, cujo *Manual de Disciplina,* nas linhas de abertura, declara o objetivo da sociedade de executar tudo o "que foi ordenado pelas mãos de Moisés e pelas mãos de todos os Seus servos os profetas". Êles estavam muito cônscios da necessidade de preservar intactos os canais que levam diretamente a Moisés. Os livros Nag Hammadi são igualmente insistentes em afirmar que todos os seus ensina-

(Continua na página 34)

"...As Coisas dos Judeus"



Dale C. LeCheminant

de um desenho de Dale Kilbourn

Certa ocasião, quando Nefi, profeta do Livro de Mórmon, ensinava as Escrituras a seu povo, êste teve alguma dificuldade em compreendê-las, porque sua formação não era a mesma do servo de Deus. Nefi nascera e fôra criado no próprio ambiente em que algumas das Escituras haviam sido registradas. A êsse respeito, escreveu:

"...Meus olhos viram as coisas dos judeus e sei que os judeus compreendem as coisas dos profetas, e não há nenhum outro povo que compreenda como os judeus as coisas que lhes foram ditas, a não ser quando ensinados à maneira das coisas dos judeus." (2 Nefi 25:5.)

Nefi possuía evidente vantagem de ter vivido no ambiente cultural dos profetas judaicos. Seu povo não tivera a mesma vantagem, nem nós hoje a possuímos. Mas podemos alcançar uma compreensão muita mais clara das escrituras se lançarmos mão de tôdas as fontes de informação razoáveis e fidedignas concernentes às "coisas dos judeus", ou elementos básicos das escrituras, como poderiam ser chamadas. Por exemplo, lendo os relatos do Evangelho a respeito do nascimento e infância do Salvador, breves o quanto sejam essas histórias, encontramos muitos nomes de pessoas, lugares e coisas que não suscitam estímulos em nossa mente, como leitores casuais, porque nos falta, como ao povo de Nefi, base para essa comprensão. Alguns dêsses têrmos poderão ilustrar esta afirmação. Em *Mateus* e *Lucas* lê-se que Jesus nasceu durante o reinado de um certo "Herodes, Rei da Judéia"; e Lucas afirma que êsse nascimento ocorreu na Cidade de Davi, que é chamada Belém". Quem foi êsse "Herodes, rei da Judéia" e por que fêz-se referência a Belém como a "Cidade de Davi?"

Herodes, Rei da Judéia

Herodes, chamado "o Grande", foi sucessor de seu pai, Antipas, o Idumeu, como governador da Palestina. Herdou muito da fôrça e maldade de seu progenitor, que abrira caminho para o sucesso político durante o período instável da instauração do poderio romano sôbre a Palestina. Antipas e seus filhos, que assumiram o poder após êle, eram na verdade "agentes locais" do Império Romano, pois clamavam ser parte dos judeus e, portanto, do povo. Josefo, historiador judeu contemporâneo de Jesus, descreveu Herodes como um homem de grande habilidade, que reinou sob as graças do Império Romano, Cesar Augusto, e seu ministro local, Agripa.

Herodes administrou bem a Palestina contra qualquer ameaça, com a trágica exceção de sua própria tirania ciumenta, que se manifestou no assassínio da espôsa e de seus próprios filhos, assim como dos filhos da terra entre os quais êsse carrasco atroz julgava estar o recém-nascido "Rei dos Judeus." Em sua mente deformada êle via em Jesus uma ameaça a seu poderio.

Cidade de Davi

Hoje, a antiga cidade de Belém é representada pela pequena vila de 7 500 habitantes chamada Beit Lahm, que jaz oito quilômetros ao sul de Jerusalém. Sua história é tão variada quanto admirável. Antes da chegada dos hebreus à terra prometida a cidade chamava-se *Beth-Lahamu*, "casa do Deus Lahamu", uma deidade babilônica adorada pelos cananeus da religião. Quando os

hebreus sucederam os cananeus, o nome foi mudado para *Beth-lehem*, "casa do pão". É cognominada "Cidade de Davi" porque a família dêsse rei originou-se de Belém. Ainda no período dos Juízes, Rute, a admirável e virtuosa moabita que lhe deu seu nome ao relato bíblico, radicou-se em Belém e se tornou ancestral da família de Davi, cuja conexão com Belém é exaltada na história de Israel. (Vide *I Samuel* 16:1-18; 17:12; 20:6). Não teve jamais Israel rei maior que Davi. A pequena vila é, pois, distinguida por seu nome e, como é natural, pelo nascimento do Salvador, que descendia da linhagem davídica.

Àquela pequena mas famosa cidade, durante o reinado do infame Herodes, vieram ter certos "magos do oriente", a procura do recém-nascido Rei dos Judeus, pois haviam visto sua "estrêla no leste" e desejavam revenciá-lo com ofertas de "ouro, incenso e mirra". Eventualmente chegaram a encontrá-lo, assim como os pastôres que, como registra Lucas, o contemplaram "envolto em panos, deitado numa manjedoura". (Lucas 2:12).

Magos do Oriente

Os magos são mencionados apenas por Mateus, que não indica nem um número definido nem a origem dêsses sábios, exceto que vieram do leste (*Erot*), têrmo vago designativo de tôdas as regiões além do Jordão — o deserto sírio-arábico, a Mesopotâmia (Babilônia) e a Pérsia. A menção dessas pessoas como "sábios" é feita em inglês tanto na versão do Rei Tiago como na Versão Revisada; mas na Vulgata (versão católica) êles são chamados *Magi*, que é o plural de *Magus*, palavra da qual se originou a expressão mágico.

Possívelmente, êsses Magos seriam discípulos de Zorcastro, fundado de uma antiga religião persa, aproximadamente no 6º. século A.C. Como classe, êles eram poderosos e, da mesma forma que muitos homens de saber daqueles dias e daquelas paragens, estudavam o curso das estrêlas. De acôrdo com uma tradição local, os persas esperavam uma espécie de salvador e sabiam, também, de uma expectativa semelhante na Palestina. Um estudioso crê que tal tradição seria inteiramente plausível: que na verdade era sabido entre os Magos, ao princípio da era cristã, que os judeus aguardavam um Messias que essa expectativa dizia respeito à vinda de um "auxiliador" e, mais, que alguns magos estavam interessados no aparecimento dêsse rei dos judeus. Mais tarde, os Magos como grupo caíram em descrédito; assim sendo, a palavra *Magus* adquiriu sentido pejorativo e já a partir do quinto século A.C. era utilizada no grego para significar "mágico". (Vide *Atos* 13:6, 8; 8:9-24).

Apenas a tradição ocidental fixou o número dêsses Magos em três, possívelmente, acredita-se, devido ao número de seus presentes; enquanto que a tradição oriental sugere doze Magos.

Estrêla do oriente

Novamente, apenas em Mateus se faz menção à estrêla do oriente, que quando de seu aparecimento serviu de sinal para os magos do nascimento do Rei dos Judeus e apenas mais tarde tornou-se um guia, seguindo à sua frente. Parece claro que o episódio da estrêla é apresentado como um evento miraculoso e não para ser explicado como fenômeno natural. Isto sugere claramente a inutilidade de se buscar informação astronômica e histórica para substanciar a acorrência. Ao lado da questão da natureza dessa manifestação celeste está a da razão de ter ela persuadido os Magos de que um importante rei dos judeus havia nascido.

Mateus não tenta explicar isto; merante relata a história de sua vinda. Poderia estar explicando o aparecimento da estrêla como cumprimento de duas escrituras do Velho Testamento (de que os Magos podem ter tido conhecimento):

"...Uma estrêla procederá de Jacó, e um cetro subirá de Israel. (Números 24:17.)

"E os gentios virão à tua luz, e os reis ao resplendor da tua ascensão. (Isaias 60:3, versão do rei Tiago)

Ambas as passagens foram usadas como referência na versão bíblica do Rei Tiago para o versículo de Mateus 2:2, indicando que os estudiosos cristão vêm alguma possibilidade de que essas antigas profecias concernentes a "estrêla" e "luz" se cumprissem não apenas no nascimento de Jesus, mas também na manifestação celestial ou no sinal que acompanhou aquêle nascimento.

Incenso e mirra

As ofertas de incenso e mirra feitas pelos Magos, juntamente com o ouro, são claramente dádivas de grande valor, trazidas ao infante Jesus para prestar-lhe homenagem e respeito. Incenso é uma resina leitosa de odor adocicado, proveniente de várias espécies de Boswellia, a árvore de incenso proveniente da Arábia do Sul. (Vide *Isaias* 60:6; *Jeremias* 6:20). Aparece nas escrituras associado com especiarias (*Êxodo* 30:7; com óleo (*Levítico* 2:1; I *Crônicas* 9:29); com alimento (*Levítico* 2:15; 6:15;*Neemias* 13:5,9); e com perfume (*Cantares* de Salomão 3:6). Nesses contextos parece ter servido como agente para realçar o valor de outra coisa. O incenso era apreciado também pelos povos antigos para uso em embalsamento. A mirra, também uma resina aromática, deriva de um bálsamo proveniente da Índia e da Arábia, que é ainda empregada em remédios. Assim como o incenso, era também utilizada em embalsamamentos (*João* 19:30) e como ingrediente para incensos e perfumes.

Envolto em panos

O povo das terras bíblicas tem cuidado de seus recém-nascidos durante séculos da mesma forma que nos tempos do Nôvo Testamento. Em vez de permitir livre movimento aos membros da criança, a mãe enfaixa-a, transformando-a num fardo inerte, como múmia. Ao nascer, a criança é lavada e esfregada com sal e, com os braços ao lado do

(Conclui na página 19)

Encerra-se esta série com importantes considerações sôbre as leis sabáticas do antigo Israel e a Lei do Sábado tal como é vivida hoje pelo Israel Leal, que reconhece a Jesus Cristo como Senhor do Sábado.

Por que os Mórmons Guardam o Sábado?

III

Hélio da Rocha Camargo

Particularidades do calendário israelita

Para que possamos ter uma compreensão mais clara das Escrituras quanto ao assunto em pauta, convém considerarmos alguns aspectos mais ou menos estranhos do calendário hebraico.

A — Em primeiro lugar vale lembrar que os dias para os filhos de Israel começavam ao entardecer e não à meia-noite, como ocorre conosco. Nascia o dia ao surgir das primeiras estrelas no céu. Assim é que, quando a Bíblia narra os eventos relacionados com a criação do mundo, por exemplo, coloca a tarde antes do amanhecer, dizendo: "Foi a tarde e a manhã o primeiro dia..." (Gen. 1:5).

B — A contagem dos mêses seguia o sistema egípcio, do qual o calendário de Israel era, em quase tudo, simples reprodução, com a diferença já apontada de que os hebreus fizeram do 7.º mês egípcio, Abibe ou Nizam, o seu primeiro mês, não constando nas Escrituras que tivessem sido feitas quaisquer outras alterações na contagem do tempo. Os mêses eram: Abibe, Iyar, Sivam, Tamuz, Abe, Elul, Tisri, Bul, Chisleu, Tebete, Shebate e Adar.

Seguindo o costume egípcio, os israelitas atribuiam 30 dias a cada mês, sem exceção.

Muitas coisas já foram ditas a respeito de meses lunares entre os hebreus e muito já se cogitou a respeito da duração de cada um deles, entretanto a própria Bíblia é que nos informa que a duração dos mêses no sistema israelita era sempre de 30 dias, conforme podemos ver em passagens como as da narrativa do dilúvio em Gênesis: "No ano seiscentos da vida de Noé, no mês segundo, *aos dezessete dias* do mês, naquele mesmo dia se romperam tôdas as fontes do grande abismo..." (Gen. 7:11), e mais adiante o escrito registra o dia exato em que a arca repousou: "E as águas tornaram de sôbre a terra contìnuamente, e ao cabo de cento e cinquenta dias as águas minguaram. E a arca repousou, no sétimo mês, *do dia dezessete* do mês, sôbre os montes de Arará" (Gen. 8:3-4).

A conta é fácil de se fazer: havendo 150 dias entre os dias 17 do 2.º mês e 17 do 7.º mês, a divisão dará exatamente 5 meses de 30 dias cada. Qualquer tentativa de somar 150 dias em 5 meses lunares que se alternariam com 29 e 30 dias, seria totalmente impossível e mesmo em nossos calendários modernos tal soma só seria viável em anos não bissextos, começando em fevereiro e terminando em junho.

A fim de banir dúvidas quanto à veracidade do fato de terem os mêses de Israel 30 dias certos, convém examinar ainda o Apocalipse, em 11:2-3, 12:6 e 13:5, onde se fala de um período de 42 mêses que somam 1260 dias. Faça-se a conta!

Como é fácil de perceber, um ano de 360 dias (12 mêses de 30 dias), daria uma aproximação por demais grosseira, ocasionando falha tremenda no calendário em pouco tempo, já que deixaria de fora 5 dias, 5 horas e pouco a cada ano.

C — Outro problema de ajuste que logo nos vem à mente, diante da necessidade de obter o acêrto dos sábados em datas determinadas, é a impossibilidade de que isso aconteça em nossos calendários.

Por exemplo: o dia 15 de janeiro de 1966 foi sábado; em 1967 o dia 15 caiu num domingo; em 68 já vai para segunda-feira; em 69 quarta-feira (por causa do ano bissexto), e assim por diante.

A fim de contornar essa dificuldade, evitando que os dias da semana avançassem anualmente, o Senhor instituiu o duplo sábado do Pentecostes, passando as semanas a serem contadas, daquele dia em diante, a partir do "segundo sábado", 5 de Sivam, vindo a cair dêsse modo os sábados corretamente nas mesmas datas, ano após ano. Nisto consiste realmente a chave do calendário e o segrêdo dos sábados com datas certas em Israel.

D — Acêrto dos 5 dias e pouco que sobrariam cada ano — Se fizermos a contagem dos sábados, a partir do primeiro mês (Nizam), veremos que os dias 1 e 15, como já foi observado, eram obrigatòriamente sábados. Se levássemos a contagem daí para diante até o fim do 6.º mês (Elul), sempre computando 30 dias para cada mês, notaríamos que o dia 27 dêsse mês seria sempre sábado e o dia 30 seria o 3.º dia da semana. Entretanto a Lei estipulava que o 1.º dia do mês seguinte, o sétimo mês do calendário israelita, deveria ser sábado e ficavam faltando três dias nêsse caso.

A fim de completar os dias faltantes, intercalavam-se *três dias suplementares* entre o dia 30 de Elul e o dia 1.º de Tisri e com isso os sábados entravam em seu devido lugar.

Continuando a contagem a partir do dia 1.º

de Tisri até o fim do 12.º mês (Adar), sempre seguindo o critério de mêses de 30 dias, verificaremos que o último sábado do ano caia no dia 26 de Adar, o que fazia com que o dia 30 fôsse o 4.º dia da semana. Ora, como o primeiro dia do ano deveria ser sábado como já vimos, ficariam faltando outros dois dias, que eram acrescentados no final do ano, entre o dia 30 de Adar e o 1.º de Nizam. Dêsse modo temos o ano completo com 365 dias e os sábados caindo rigorosamente em datas certas. A correção da diferença entre os 365 dias do calendário e a duração real do ano, que é de 365 dias, 5 horas e pouco, é feita entre nós com os anos bissextos, que têm 366 dias e repetem-se de quatro em quatro anos. No calendário israelita, a correção era feita a cada 28 anos, acrescentando-se uma semana inteira ao final do ano, mantendo-se desse modo todos os sábados em suas datas fixas, sem qualquer alteração.

Os cinquenta e quatro sábados do ano israelita

Como acabamos de ver, o ano israelita possuía, em lugar de 52 sábados como o nosso, 54, por cause do sábado duplo do Pentecostes em 4 e 5 de Sivam e do sábado isolado do dia 10 de Tisri. Isso concorda perfeitamente com o plano anual de estudo da Lei nas sinagogas, o qual como sabemos era dividido em 54 seções que deviam ser lidas aos sábados, de modo que se completasse a leitura total a cada ano.

Algumas pessoas têm imaginado que os sábados festivos de Israel constituiam uma categoria de dias santificados à parte, não afetando os sábados semanais. Se admitíssemos tal hipótese, passaríamos a ter um número bastante elevado de sábados no ano e com várias ocorrências de sábados duplos e até mesmo um triplo eventualmente, por ocasião do Pentecostes. Dificilmente haveria uma semana em todo o ano em que um israelita fiel poderia cumprir o mandamento que determina: "seis dias trabalharás..."

Restauração dos sábados primitivos com a ressurreição de Cristo

O profeta Oseias já havia profetizado que os sábados dos judeus seriam abolidos um dia, conforme lemos: "Farei cessar todo o seu gozo... e os seus sábados..." (Oseias 2:11). Realmente o sistema dos sábados em dias fixos, amarrados à data da fuga do Egito, era um convênio exclusivo entre Deus e os filhos de Israel em Horebe. Nem com os seus pais, nem com os gentios fêz o Senhor aquêle convênio, que era parte integrante da Lei Preparatória, destinada a conduzí-los a Cristo. Êsse mandamento contido no "Livro das Ordenanças", ou seja no Deuteronômio, seria cumprido por Jesus e assim deixaria de ter validade, porquanto "Cristo aboliu os mandamentos contidos no Livro das Ordenanças" como disse Paulo aos santos de Éfeso (Efes. 2:15). Os seguidores de Cristo ficaram portanto libertos da sujeição à Lei de Israel.

Tendo aberto a dispensação dos gentios, o Senhor lhes deu as novas leis do Reino, de tal sorte que os seguidores do Salvador não poderiam ser condenados por desobediência à lei Mosaica: "Ninguém vos julgue pela Lei", disse Paulo aos colossenses (Col. 2: 14-15).

Cabia aos santos oferecerem ao Senhor os sábados restaurados, aquêle primeiro sábado que os Patriarcas guardavam e que os cristãos agora comemoravam com duplo empenho, já que nele também o Salvador ressussitara, redimindo a Criação e fazendo novas tôdas as coisas, reafirmando ser aquêle o verdadeiro Dia do Senhor.

A Nova Lei e a Lei Antiga

Que a Lei de Israel deveria ser integralmente cumprida, ninguém que conheça o Nôvo Testamento pode negar. O Próprio Cristo disse-o em primeiro lugar, conforme registrado em Mat. 5:17 — "Não cuideis que vim destruir a Lei ou os Profetas: não vim abrogar, *mas cumprir*".

Ora, a Lei é freqüentemente chamada de "testamento" nas Escrituras e um testamento, uma vez cumprido, perde a validez.

O autor da Carta aos Hebreus entendia que o Nôvo Concêrto prometido por Deus à casa de Israel substituiria o velho, que por isso mesmo deixaria de vigorar: "...eis que virão dias, diz o Senhor, em que com a casa de Israel e com a casa de Judá estabelecerei um nôvo concêrto... Dizendo Nôvo Concêrto, envelheceu o primeiro. Ora, o que foi tornado velho, e se envelhece, perto está de acabar" (Heb. 8:8 e 13).

Escrevendo aos romanos o apóstolo dos gentios afirma categòricamente: "Mas agora estamos livres da Lei..." (Rom. 7:6). Uma das conseqüências imediatas de ficarem os cristãos liberados da obediência à Lei de Israel, era o estabelecimento de novos preceitos e práticas, incluindo-se aí o nôvo sábado, com a abolição dos antigos sábados hebraicos, e por isso é que Paulo diz aos colossenses: "Portanto ninguém vos julgue... por causa... dos sábados" (Col. 2:18), chegando a indignar-se com os gálatas que pretendiam voltar ao sistema judaico de guardar dias, exortando-os vigorosamente e dizendo: "Receio de vós, que não haja trabalhado em vão para convosco" (Gal. 4:10-11).

Lei Moral e Lei Cerimonial

Não seria honesto passarmos por alto a existência de pessoas que julgam sinceramente encontrar nas Escrituras elementos para distinguir dois tipos diferentes de Lei. Para tais pessoas existiria uma importantíssima diferença entre Lei Moral, incorporada nos Dez Mandamentos dados por Deus ao seu povo nas táboas de pedra lavradas por Moisés e a Lei Cerimonial, estabelecida apenas para as práticas religiosas de Israel. Dentro dêsse conceito, a primeira Lei seria de duração perpétua, enquanto a segunda seria abolida mais tarde com o ministério de Jesus.

Uma vez que o Decálogo estabelece a guarda

do dia de sábado, ao mesmo tempo que estipula as demais obrigações religiosas e morais do povo, entendem essas pessoas que, tanto uma quanto outra determinações devem permanecer válidas eternamente, uma vez que: — "Se a Lei estipula: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, do mesmo modo que estabelece — Lembra-te do dia do sábado para o santificares; enquanto forem válidos os mandamentos que proíbem matar, adulterar, etc., deverá ser igualmente operante o que se refere à guarda do sábado".

Diante de passagens bíblicas que profetizam a abolição dos sábados judaicos, ou que afirmam estarem os santos isentos da obrigação de os guardarem, os defensores da distinção entre Lei Moral e Lei Cerimonial afirmam existir dois tipos de sábados: os semanais (que deveriam ser permanentes) e os cerimoniais ou festivos, que seriam abolidos com a vinda de Cristo.

Se quiséssemos admitir, ainda que só para fins de estudo, a axistência de tal distinção na legislação de Israel, com uma Lei Moral permanente (o Decálogo escrito em táboas de pedra) e outra Cerimonial e transitória, preservada em pergaminhos e papiros, teríamos necessidade de estar perfeitamente seguros de poder distinguir claramente uma da outra; entretanto parece difícil dizer com segurança onde terminaria uma e teria início a outra. A Lei, para os israelitas era una e indivisível e o próprio apóstolo Paulo não distingue preceitos morais de cerimoniais no Velho Concêrto, tratando o assunto como se só existisse *uma Lei* em Israel englobando tôdas as práticas e preceitos religiosos. Escrevendo aos romanos êle fala da abolição da Lei nos seguintes têrmos:

"Mas agora estamos *livres da lei,* pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra. Que diremos pois? É a lei pecado? De modo nenhum; mas eu não conhecí o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência se a lei não dissesse: *Não cobiçarás*". (Rom. 7:6-7). A conclusão é, pois, óbvia: estamos livres da lei que diz: Não cobiçarás.

Reforçando o pensamento de que o grande apóstolo não fazia distinção entre lei e lei, encontramos as suas expressões endereçadas à igreja de Corinto: "Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, ministrada por nós, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, *não em táboas de pedra,* mas nas táboas de carne do coração... E é por Cristo que temos tal confiança em Deus... o qual nos fêz também capazes *ministros dum nôvo testamento,* não da letra, mas do espírito... E se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, veio em glória, de maneira que os filhos de Israel não podiam fitar os olhos na face de Moisés por causa da glória do seu rosto, *a qual era transitória,* como não será de maior glória o ministério do espírito?" (II Cor. 3:3-8).

Prosseguindo em seu arrazoado, Paulo termina a comparação entre o Antigo Concêrto que concedeu glória efêmera ao rosto de Moisés (evidentemente chamando com isso atenção para o fato de que o próprio convênio alí estabelecido participava da natureza transitória da glória concedida a Moisés) e o Nôvo Concêrto estabelecido por Cristo e gravado permanentemente nos corações, concluindo: "Porque, se o *que era transitório* foi para a glória, muito mais é em glória o que permanece" (II Cor. 3:11). E afinal, o que é que era transitório alí, senão o Concêrto: a Lei Mosaica?

É impossível evitarmos a convicção de que Paulo está dizendo que a Lei Mosaica inteira, incluindo os Dez Mandamentos e tôdas as suas implicações referentes à guarda dos sábados, seria de duração efêmera, devendo ser abolida um dia, depois de cumprida em Cristo.

Realmente Paulo caracteriza bem aquilo que chama de "ministério da morte", que deveria ceder lugar ao "ministério do espírito": tratava-se, no seu dizer, daquele concêrto escrito em táboas de pedra (e qual outro foi assim escrito senão o dos Dez Mandamentos que incluiam o sábado judaico?). Não se tratava de um código cerimonial apenas, mas sim da própria Lei que ordenava aos homens: "Não cobiçarás" e "Lembra-te do dia do sábado", dada aos israelitas por Moisés no monte Horebe.

Jesus Cristo, o Senhor do Sábado

Significaria isto então que os santos haveriam de viver sem lei? Absolutamente não. O que fica claramente estabelecido é que as vidas dos cristãos passavam a reger-se por um Nôvo Concêrto, registrado pelos evangelistas como palavras textuais do próprio Senhor:

"Ouvistes que foi dito aos antigos: não matarás... Eu porém vos digo que qualquer que, sem motivo se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo..." (Mat. 5:21-22).

"Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu porém vos digo que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar já em seu coração cometeu adultério com ela" (Mat. 5:27-28).

Temos aquí o momento exato em que Jesus Cristo reformula a Lei, deixando para traz a que fôra dada "aos antigos", promulgando em seu lugar o Nôvo Concêrto que tornava velho o primeiro.

A antiga Lei dada por Deus em Horebe, era um convênio exclusivo entre o Senhor e o povo que fugira do Egito. Não se aplicava a qualquer outro povo, passado, contemporâneo ou futuro. O sábado alí estabelecido era um sábado peculiar, com datas marcadas anualmente, e destinava-se a ser guardado *por aquêle povo,* em memória de um acontecimento *de sua própria história,* como preparação espiritual para a vinda de Cristo.

Com a morte do Salvador cumpriu-se a Lei, inclusive na parte dos sábados dados aos judeus, uma vez que o seu corpo jazeu em descanso no sepulcro durante aquêle dia. Com a ressurreição, então, o Senhor inaugurou a restauração dos sábados antigos, comemorativos do descanso de Deus na obra da Criação, emprestando-lhes nôvo signi-

(Conclui na página 33)

Sociedade de Socorro

Uma Surpresa para Vovó

Frances C. Yost

Vovó Benson repousou as mãos cansadas no colo. Era noite de Natal e ela já estava preparada para a festa. Não tinha um adorável pacote-surprêsa para cada um dos vinte e cinco membros de sua família? Essa devia ser uma noite de verdadeira comemoração, a véspera do Natal, mas seu coração não se sentia assim.

Havia nêle uma dor que ela não podia expulsar. E não era algo de que pudesse falar ou confiar a alguém. Não tinha outro jeito senão continuar sorrindo bravamente e amando a todos como sempre fizera. Algumas dôres ficavam melhor assim, ocultas.

Vovó Benson lembrava-se exatamente do dia em que a dor principiara em seu peito. Ela era a mais feliz das avós, com seus filhos e netos ao redor, acreditando que todos êles a amavam até que ... Bem, aconteceu logo após a reunião do Dia de Ação de Graças. Para falar a verdade, foi na manhã seguinte. Tudo aconteceu justamente na velha e querida sala que ela tanto amava.

Era uma sala grande, bastante iluminada. Combinava sala de estar com quarto e tinha um banheiro particular. Vovó possuía alí tôdas as coisas que amava, seus livros e guardados, e estava confortàvelmente instalada. Se quisesse isolamento, podia tê-lo e se desejasse juntar-se à família era sempre bem-vinda. Quando queria comer sòzinha, uma das crianças trazia de boa vontade uma bandeja para o quarto. É verdade que a mobília estava ficando estragada, o tapete gasto e as cortinas remendadas. Mas aquêle era o seu lar e ela estava perfeitamente feliz alí, até a manhã em que seu filho James e a espôsa vieram ao quarto. Vovó Benson lembrava-se tão bem de tôdas as palavras que haviam sido ditas...

"Podemos entrar um pouco para conversar, mamãe?"

"Naturalmente, James, você sabe que é sempre bem-vindo à minha parte da casa". Vovó Benson rira alegremente então. Agora compreendia que fôra presunção sua dizer "minha parte da casa". Nenhuma parte da casa era realmente sua, era de James e Laura, não sua, absolutamente. Sua velha casa havia sido vendida para pagar as despesas quando vovô morreu. E, de qualquer forma, a família dissera que não queria que ela ficasse só. Naquela ocasião êles pareciam mesmo acreditar nisso.

"A senhora dormiu bem, mamãe".

"Claro que sim, Laura. Graças a você eu tenho lençóis limpinhos na cama e durmo como uma criança. Adoro minha velha cama".

"Mamãe, é a respeito disso que Laura e eu queríamos falar-lhe. A senhora se incomodaria muito de ficar com Chris e Sarah por algum tempo?"

James não dissera por quanto tempo. Não dissera que ela dava trabalho demais para Laura, ou que sua espôsa precisava descansar. Apenas aquilo. A senhora se incomodaria de ficar com Chris e Sarah por algum tempo?

Foi como se perdesse o fôlego, na hora, mas logo umideceu os lábios, sorriu fracamente e disse: "Ora, James, seria ótimo passar algum tempo com Chris e Sarah".

Ela percebeu que deveria ter estado passando de um filho para outro, antes que alguém precisasse sugerir isso, para não aborrecer uma família por muito tempo. Mas sentira-se tão à vontade com James e Laura e êles tinham agido como se achassem muito bom que ela ficasse permanentemente.

"Então, se a senhora arranjar sua mala, eu a levarei para a casa de Sarah logo após o desjejum".

"Mamãe, por que a senhora não arruma a canastra pequena. Sabe como é, leve tôdas as coisas que precisa, seus crochês e enfeites de Natal e..."

"Sim, Laura, vou aprontar minhas coisas imediatamente". Ela virou-se depressa. Ninguém deveria perceber. Tinha de acabar a vida bravamente, serenamente, não importa o que sucedesse. Mesmo sendo passada de um para outro dos filhos o resto de seus dias...

Vovó Benson rememorou o último mês passado com Chris e Sarah. Êles a haviam tratado muito bem. Tinham mesmo. As crianças gostavam que ela lesse alguma coisa para êles, ocasionalmente, e ela tivera tempo de preparar todos os seus presentes de Natal. Havia feito aventaizinhos lindos para as meninas menores. Alguns eram de babados outros com aplicações de flôres ou pássaros. As netas mais velhas receberiam renda fina para enfeitar fronhas. Estavam tôdas fazendo enxoval. Os garôtos receberiam marcadores de livros coloridos. Vovó era de opinião que êles precisavam ser incentivados a sentar-se e ler um pouco. Os homens todos receberiam uma gravata tricotada e as espôsas sapatilhas de cro-

chê, para combinar com seus roupões favoritos. Além do presente, vovó havia escrito um versinho pessoal para cada um. Tudo isso exigiria muito tempo e concentração. Na verdade, havia sido bom para ela. Qundo se faz algo criativo, não se tem tanto tempo para lembrar tristezas.

Chris, Sarah e seus filhos haviam sido tão bondosos. Ela não tinha nenhuma queixa, exceto que Chris e Sarah saíam muitas noites. E Sarah sempre achava uma desculpa, quase tôda a tarde, para ir à biblioteca ou às compras.

Além disso, êles também estavam muito apertados na casa. Vovó ficava no mesmo quarto que Janice, que trabalha na cidade e namorava. Ela sabia que isso era inconveniente para a neta. Ela nunca acendia a luz para despir-se à noite e ficava tateando no escuro, à procura da camisola e dos chinelos.

James e Laura tinham vindo visitá-la várias vêzes, mas nem uma só vez haviam dito algo como "Quer voltar lá para casa, mamãe?" Ela achava que já não era mais bem-vinda à casa dêles.

Hoje era véspera do Natal e todos iam passar a noite com James e Laura. Teriam o programa habitual, em que os pequeninos recitavam e cantavam. Depois os presentes seriam abertos, os refrescos servidos e afinal cada família iria para sua própria casa, esperar a visita de Papai Noel.

Vovó Benson sempre presumira que a família vinha usualmente à casa de James e Laura porque ela tinha ficado lá. Agora compreendia que era porque a casa era muito maior. Seria diferente êste ano. Em vez de ela estar lá para receber os outros, seria apenas uma convidada.

Vovó Benson teve um súbito impulso de puxar seu lencinho de barra rendada e enchê-lo com as lágrimas que vinha contendo há tanto tempo. Mas não devia entregar-se à tristeza. Não no Natal. Jamais! A vida havia sido difícil muitas vêzes e ela não ia fraquejar agora, que carregava setenta e sete anos sôbre os ombros. O que é que Vovô Benson sempre dizia? "Fique firme, Susan, as coisas acabam sempre dando certo!"

"Está pronta para sair, Vovó?" perguntou Sarah. Sarah sempre a chamara de *vovó*. E ela era sua própria filha! Isto a fazia sentir-se tão velha! Naturalmente ela sabia que Sarah fazia isso para dar exemplo a seus filhos.

"Estou sim, Sarah, só faltam meu casaco e o lenço".

"Roger, vá apanhar o casaco da vovó no armário. Não derrube o lenço que está enfiado na manga". Sarah voltou-se para os outros. "O resto de vocês entre no carro".

Logo em seguida estavam rodando em direção à casa de James e Laura. O antigo e querido lar estava tão bonito, com os pés de sempre-verdes cintilando com flocos de neve à luz das estrêlas. James havia pendurado luzes no pinheiro maior, fazendo uma verdadeira árvore de Natal no jardim!

As cortinas afastadas deixavam entrever a árvore iluminada da sala de estar, que estava ainda mais bonita do que quando ela se achava lá ajudando a decorar ou sentada por perto, sugerindo lugares onde pendurar os ornamentos. E as pequenas meias que ela havia feito para todos no ano passado pendiam sôbre a lareira. Êles haviam-se lembrado de usá-las, apesar de ela não estar alí para lembrar!

Agora a porta estava sendo aberta e ambos, James e Laura diziam: "Feliz Natal para todos!"

"Bem-vinda a casa, mamãe", disseram James e Laura ao mesmo tempo. Depois olharam um para o outro e riram.

"Mamãe, a senhora pode levar seu lenço e seu casaco lá para cima".

James tomou-lhe o braço e Laura sua outra mão e conduziram-na pelas escadas. Talvez nem a quisessem na sala. E, no entanto, haviam dito "Bem-vinda a casa, mamãe". Mas o que faziam todos os outros, seguindo em seus calcanhares?

James abriu a porta de seu velho quarto e um silêncio caiu sôbre tôda a família, mesmo aquêles que ainda estavam no pé da escada. Vovó Benson prendeu a respiração e ficou olhando. Que milagre havia acontecido!

Ao invés do monótono papel de parede florido, havia um adorável rosa claro nas paredes. Os batentes e portais cinzentos eram agora côr de rosa. A velha cama querida, sua cômoda e sua penteadeira haviam sido restauradas. A cadeira estofada fôra coberta com um adorável tom de azul. No assoalho havia um tapête azul claro que ía de parede a parede. Em tôdas as janelas pendiam finas cortinas com motivos florais, rosa e azul, para combinar com o resto da decoração.

"Sarah fêz as cortinas, mamãe", disse Laura, "foi por isso que ela a deixou sòzinha tantas vêzes. Estava aqui o tempo inteiro, costurando. E êstes são os tapetes pequenos que a senhora me deu. Eu ainda gosto dêles, mas achei que parecem ter sido feitos para êste quarto".

"É verdade, êles dão um toque de intimidade" murmurou Vovó Benson.

Era tão próprio de Laura dar aos outros o que ela própria apreciava! Por que duvidara de seu altruísmo durante algum tempo? Vovó Benson tinha um nó na garganta, mas precisava falar. A família acharia que ela era ingrata se não falasse. O que é que James estava dizendo?

"O pessoal todo ajudou, mamãe, com as mãos e o bôlso. E nos divertimos muito fazendo a reforma. A senhora não desembrulhará sua surprêsa perto da árvore, êste ano. Nós a escondemos atrás de sua própria porta".

"Sua própria porta", as palavras soaram doces para Vovó Benson. Tinha vontade de chorar, mas eram lágrimas de alegria as que agora continha. Os lábios lhe tremiam mas ela se esforçava por controlar-se e dar seu melhor sorriso.

"Vocês me surpreenderam mesmo desta vez, meus filhos. E me deram muita, muita alegria. Vocês são todos queridos e eu ao muito à todos. Vamos agora para baixo começar nosso programa. Quero ouvir os números dos pequeninos e...", Vovó Benson ria alegremente, "eu também tenho algumas surprêsas para distribuir".

Bispado Presidente

Alguns Desafios Para Líderes de Jovens

Em certas partes do mundo há homens que ganham a vida como guias de grandes caçadas. Conduzem e orientam as pessoas que procuram caça graúda, encontrada apenas em certas áreas geográficas. Seus serviços são procurados tanto por caçadores principiantes como por veteranos. O guia eficiente permite que o caçador faça sem interferência tudo o que possa fazer sòzinho, em segurança, inclusive seguir pegadas, ficar de tocaia e abater a caça. Sua incumbência é auxiliar o caçador a realizar, através do seu próprio esfôrço, um experiencia emocionante.

Os eventuais líderes bem sucedidos dos jovens do sacerdócio fariam bem em ponderar sôbre a orientação seguida pelos guias da caça, na execução da sua designação de liderança. Os líderes do Sacerdócio não devem fazer pelo jovem que está se preparando para enfrentar as dificuldades da vida adulta nada que êle possa fazer sòzinho.

Os portadores do Sacerdócio Aarônico precisam de oportunidade para se descobrirem e se orientarem, sempre que possa ser-lhes dada com segurança. Apenas desta forma transformar-se-ão em membros vigorosos do Sacerdócio de Melquisedeque.

O jovem que recebe o Sacerdócio Aarônico deve compreender que o fato de possuir o sacerdócio de Deus torna-o diferente dos que não o possuem. E seus líderes devem salientar êsse fato, particularmente quando o jovem acaba de receber o sacerdócio. Mas, além disso, essa diferença deve ser reafirmada constantemente. É essencial que o jovem se compenetre da "nova imagem" adquirida através da ordenação.

Os líderes do Sacerdócio Aarônico devem preocupar-se primàriamente em auxiliar os jovens a atingirem a máxima atividade e empenho nos cargos que ocupam. Isto significa que devem ter fé em seus jovens e auxiliá-los a ter fé em si mesmos.

Assim como todo o guia de grandes caçadas deve estar informado a respeito da condição física e das habilidades de seus caçadores, da mesma forma o líder do sacerdócio deve conhecer tudo sôbre seus liderados. Precisa visitá-los, conversar com êles a respeito de seus passatempos, conhecer sua adaptação nas atividades escolares e estar a par de seu modo de sentir a respeito das atividades na Igreja. Deve estar preparado para cumprimentar cada rapaz por seus sucessos e incentivá-lo a enfrentar os fracassos, tirando dêles ensinamentos.

Cada líder deve reconhecer que, como iniciado no sacerdócio, o diácono de 12 anos é menos seguro de si e mais acessível a orientação do que o sacerdote de 17 anos. O líder precisa ler e informar-se a respeito das características e necessidades dos rapazes de cada grupo de idade, para poder lidar com cada um de forma efetiva e inteligente.

Não se deve esperar demais, nem muito pouco dêsses rapazes em relação a sua capacidade. É mister dar-lhe boas oportunidades para analisar problemas e chegar a suas próprias conclusões e convicções.

Um supervisor eficiente do sacerdócio vale-se de um critério vital ao analisar os jovens e suas atividades. Êsse critério está contido em uma única palavra: *Por quê?* Não se preocupa tanto com o que o jovem diz, crê ou faz, como com a razão de suas ações e reações. Um supervisor eficiente procura a motivação básica, o por quê da situação; não se deixa enganar por sintomas superficiais dos problemas de um jovem.

Se o supervisor espera realmente conhecer as motivações básicas de um rapaz, deve tornar-se um bom ouvinte. O jovem logo percebe se o líder tem capacidade e está desejoso de auxiliá-lo a progredir, arrepender-se de seus erros e fortalecer seu testemunho ou se será repreendido ràpidamente, antes de ter oportunidade de explicar como se sente ou de pedir ajuda. Isto não quer dizer que o conselheiro deva desculpar as atitudes do jovem, ou suas ações. Significa que o jovem precisa sentir o interêsse de seu líder — sua compreensão — e considerá-lo como um amigo e apôio. Pascal deixou um lema que todos os que pretendem ajudar os jovens a crescer em co-

nhecimento e fé nunca deveriam esquecer: "Não posso ensinar senão ao meu amigo".

Em geral há pouca dúvida nos jovens quanto ao que é certo e errado. Sua grande dificuldade reside em aplicar os princípios do evangelho a sua vida. Freqüentemente comete-se um êrro, presumindo que o conhecimento intelectual e a aceitação dos padrões de retidão garantam sua prática na vida.

O líder do sacerdócio deve, portanto, ouvir pacientemente quando o rapaz fala de sua vida. Se tiver dificuldades sérias, deve ajudá-lo a externá-las para avaliação e exame. Um rapaz envolvido em problemas graves envergonha-se às vêzes de seus atos e procura ocultá-los. Se fizer isto, racionalizará qualquer preocupação pela sua conduta.

Contudo, se o jovem sabe enfrentar corajosamente os aspectos de sua vida que não estão em harmonia com os princípios do evangelho, é possível auxiliá-lo a encontrar formas de se recuperar. O líder pode, mesmo, fazer algumas sugestões de como conseguir isso, tendo o cuidado de deixar que o próprio jovem tome a decisão final quanto à atitude a tomar, sempre que houver possibilidade. Se ocorrer algum fracasso — o que certamente sucederá de tempos em tempos — o líder deve ter muita fé no jovem e incentivá-lo a continuar sem esmorecer em seu esfôrço de progredir ou mudar para melhor.

Diversos princípios básicos devem ser sempre observados na liderança de rapazes:

Avance devagar. O jovem pode estar há já algum tempo vivendo segundo um padrão indesejável de raciocínio ou comportamento e talvez precise de tempo para mudar.

Ajude o jovem a auxiliar a si mesmo. Não se torne seu *alter-ego;* fortaleça-o para que tenha autonomia e auto-determinação na vida. Ajude-o a usar todos os seus recursos pessoais da melhor forma.

Busque tôda a ajuda possível para compreender e orientar o jovem em outras pessoas que tenham influência em sua vida.

Não desanime se houver recuos ou se o progresso parecer lento.

Lembre-se que às vêzes é muito bom *melhorar ou mudar certos aspectos da vida de um jovem fora da Igreja,* para auxiliá-lo a desenvolver-se em retidão. Isto tanto pode ser na vida familiar, como na vida social ou no terreno econômico.

Mantenha uma atitude de firmeza amável mas determinada quanto ao que é desejável e justo ou qual é o dever de uma pessoa no evangelho. Isto deve-se irradiar da própria personalidade do supervisor, do seu caráter, sua forma de vida e reputação na comunidade.

Não traia a confiança. Um líder de jovens que ganhe a reputação de delator perde o direito a uma confiança vital, imprescindível a seu sucesso.

Os rapazes vivem no presente. Sua tarefa imediata é compreender o mundo atual, suas relações com êle e o que devem fazer a fim de manter-se adaptados ao ambiente em que vivem. Precisam receber instruções sôbre a forma de introduzir os princípios do evangelho em sua vida atual.

Algumas vêzes os líderes têm a tendência de perder muito tempo falando de adultos de outras épocas e culturas, que sobrepujaram seus problemas de diversas formas cujos detalhes são irrelevantes para os jovens de hoje. Êsses exemplos de experiências humanas passadas podem ser usados proveitosamente para demonstrar a natureza eterna dos princípios do evangelho. Contudo, êles devem ser empregados na devida proporção, procurando-se descobrir por que a pessoa fêz o que fêz e determinar os resultados de tais atos. Ressaltamos novamente que os métodos de ensino e de entrevistas devem ser firmemente orientados no sentido de considerar os tempos atuais, em que o jovem vive e aos quais procura compreender e adaptar-se.

O resumo seguinte ajudará a orientar a atuação do supervisor:

Incentive os jovens a participarem e integrarem-se nas atividades do sacerdócio, com tôda a sua capacidade.

Esforce-se por conhecer bastante a respeito de cada rapaz, a fim de estar em condições de orientá-lo e instruí-lo.

Fundamente suas expectativas a respeito de cada jovem em bases realistas.

Deixe os jovens pensarem por meio das suas aulas, para chegar a suas próprias conclusões e convicções, o quanto possível. Seja o tipo de mestre que abre a porta para depois afastar-se a fim de que o jovem possar passar.

Jamais emita um julgamento ou decida a ação a empreender sem conhecer o "porquê" básico da conduta ou da atitude de cada jovem.

Sua primeira atitude para com êle deve ser a de um bom ouvinte, apelando para a reprovação apenas quando necessário e da forma indicada em D. & C. 121:41-45.

Procure fazer com que o jovem o considere como um conselheiro e defensor amigo. Os jovens precisam sentir que, não importa quais sejam seus problemas, poderão voltar-se para o supervisor, a fim de obter orientação e apoio.

Seja firme quanto ao que é certo e o que é errado, de forma que nunca haja dúvidas na mente de seu liderados; assim sendo, cada um sabe que seu supervisor é bem informado e tem convicções firmes, das quais não se desvia, quer por palavras, quer por atos.

Não se esqueça de que os jovens não são tão estáveis e maduros como você. Portanto, faças concessões adequadas.

Jamais traia a confiança depositada em você.

Prepare bem suas aulas, centralizando-a na vida atual dos jovens.

Insista em que os jovens devem ter em mente a diferença que o sacerdócio representa em suas vidas. Possuir o sacerdócio de Deus é um privilégio e uma responsabilidade.



JUVENTUDE DA PROMESSA

Aquêles que Mais Amam

Sue Smart

Você está longe de casa. Encontra um estranho e durante a conversa êle descobre que você é mórmon. Fica curioso, mas cético. E pergunta descrente: "Qual é o princípio mais importante de sua Igreja? Qual a coisa mais importante?" Eis a oportunidade de ouro que você esperava, a oportunidade de converter alguém! Mas êste homem e sua pergunta o deixam desarvorado. Você conhece as Regras de Fé. Até já aprendeu as primeiras lições missionárias. Mas o que dizer a êste homem que quer saber apenas qual é o objetivo principal de sua Igreja?

"E um dêles, doutor da lei, interrogou-o para o experimentar, dizendo:

"Mestre, qual é o grande mandamento na lei?

"E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

"Êste é o primeiro e grande mandamento.

"E o segundo, semelhante a êste, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

"Dêstes dois mandamentos depende tôda a lei e os profetas". (Mat. 22:35-40).

Amor! Êste era o primeiro princípio da Igreja de Cristo quando êle viveu sôbre a terra e também o primeiro de sua Igreja, quando a restaurou através de Joseph Smith.

Como possuímos tanto, nós, mórmons, por vêzes nos preocupamos demais com os aspectos incomuns de nossa religião e perdemos contato com seus objetivos e propósitos principais.

Acima de tudo nossa religião é uma religião de amor. "O meu mandamento é êste: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei". (João 15:12).

A vida de Cristo em seu todo foi uma lição de amor, dedicação e compaixão. Êle é, pois, nosso Salvador, alguém que pregou o amor como forma de vida. Acho que poderia basear todo o meu testemunho nisto, porque mesmo em minha tenra idade já descobri que as coisas mais certas, mais compensadoras advieram do amor.

Entretanto, mesmo sendo coisa tão bela o amor não é um princípio simples de se praticar. William Penn disse certa vez: "O amor é a lição mais difícil do cristianismo; mas, por isso mesmo, devemos ter o máximo empenho em aprendê-la." Por que, se o amor é coisa tão bela, torna-se tão difícil de aprender e práticar?

Um dos motivos é que a maioria das pessoas não interpreta o amor num sentido prático. Pensam nêle como algo abstrato, um bom tema para discursos; mas, quando se desce aos fatos, não representa um método prático, viável de se enfrentar a vida em nosso mundo de tumulto e tensão.

Cristo estabeleceu o exemplo de amor. Êle foi a pessoa que teve amor mais profundo pela humanidade. Multidões se juntavam ao seu redor e o seguiam onde quer que fôsse. Eu por vêzes tenho a impressão de que muitas dessas pessoas não compreendiam realmente o que Jesus dizia, mas seguiam-no por puro amor.

Existem outras evidências da fôrça do amor. "Psico-Cibernética" é um livro que versa sôbre

"O amor é a lição mais
difícil do Cristianismo;
mas, por isso mesmo,
devemos ter o máximo
empenho em aprendê-la"
— William Penn



o desenvolvimento da personalidade. O autor, Dr. Maxwell Malts, fala do amor e da caridade como elementos essenciais ao sucesso. Êsse homem não está pregando religião, senão demostrando-nos o valor do amor na psicologia.

Eric Fromm, um filósofo, descreve o amor como a única forma efetiva de os homens dissolverem a solidão inerente à experiência humana. Êle não fala em nome da religião, mas de um ponto de vista filosófico.

Se pudermos interpretar o amor como uma fôrça prática a que recorrer em nossa vida, o passo seguinte será sobrepujar o mêdo que nos impede de amar.

Assim como o mêdo pode impedir as nações de confiar umas nas outras e cooperar mùtuamente, pode também impedir-nos de dar e partilhar nosso amor. Ficamos com mêdo dos que nos rodeiam, com mêdo de ser feridos. Da mesma forma que o mêdo leva as nações à guerra, faz-nos também entrar em luta com os que nos cercam e destrói o amor.

Cada um de nós tem seus mecanismos de defesa. Para evitar sermos magoados, desenvolvemos um sistema de proteção. Essas barreiras que construimos podem proteger-nos da mágoa, mas também nos impedem de dar e receber amor.

A suspeita age como o sinal de alerta de um radar em nossa guerra contra o amor. Faz-nos negar amor aos que talvez não o correspondam. Isto pode soar bem, mas Jesus disse: "Ouviste o que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo.

"Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, farei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem". (Mat. 5:43-44).

"E, se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Também os pecadores amam aos que os amam". (Lucas 6:32).

"E dá a qualquer que te pedir..." (Lucas 6:30). Vê-se, então, que não há lugar para suspeita no coração dos seguidores de Cristo; êle não faz restrições ao amor.

A negligência e o egoísmo erguem barreiras ao nosso redor, para impedir-nos de amar. Quase todos nós somos culpados de uma certa dose de negligência. Talvez não aproveitemos uma oportunidade de auxiliar alguém. Talvez deixemos de confortar ou animar alguma pessoa. Contudo, se permitirmos que essa negligência se torne um hábito, estaremos negando a nós mesmos a oportunidade de amar.

A auto-comiseração e o complexo de inferioridade constróem arsenais para combater o amor. A inferioridade é um sentimento comum, que em geral torna o amor impossível. Conheço uma pessoa que tem um evidente complexo de inferioridade. Muitas vêzes acha que é uma pessoa inútil. Essa atitude a impede de aceitar o amor, seja porque não o reconhece, seja porque duvida de sua sinceridade. E pelo mesmo motivo não pode dar amor, porque sente que não será apreciado pelos outros. Isto é muito triste, pois essa pessoa teria uma grande capacidade de amar, se quisesse derrubar as barreiras da inferioridade.

O orgulho declara nossas guerras. Quantas vêzes somos pouco amistosos com aquêles que sentimos ser inferiores a nós, simplesmente porque tememos pôr em risco nossa posição social? O orgulho demonstra a todos os que nos rodeiam que preocupamo-nos mais conosco mesmo e com os frutos ilusórios de nosso orgulho do que com o amor. Mostra que não precisamos amar e não ousamos dar de nós mesmos.

Guardando rancor, iniciamos uma guerra fria — guerra que não pode terminar porque não estamos dispostos a perdoar ou fazer concessões.

O mau gênio lança-se em ataque sôbre os outros. Êsses ataques invadem o coração de amigos potenciais e destróem um amor que poderia ser partilhado.

Algumas pessoas empregam armas de choque para destruir o amor. Minam o amor dizendo: "Você não gostaria de mim pelo que sou. Portanto, serei algo de chocante; assim pelo menos você notará que existo." E são realmente notadas, mas não podem dar nem receber amor porque não desejam ser honestas consigo mesmas e admitir quem realmente são.

Portanto, êste é o problema: Permitimos que nossos próprios temores infundados nos ponham em guerra uns com os outros e evitem o surgimento do amor. Não será tempo de assinar um tratado

paz e adotar uma política de desarmamento total? Apenas quando nossos defesas forem baixadas o poderá penetrar em nossos corações.

Talvez nem sempre atuemos em terreno comum. Podemos estar desarmados enquanto outros lutam com bombas atômicas, mas devemos ter coragem, êste é o desafio de nossa religião.

Quando nos tivermos desarmado poderemos permitir que o amor penetre em nossos corações. Contudo, o cristianismo é mais do que isso. Devemos não apenas admitir o amor em nossos corações, mas precisamos também projetá-lo e irradiar amor. Devemos amar os que nos cercam; amar pessoas que nem ao menos conhecemos; devemos amar nossos inimigos. Êsse amor deve tornar-se uma forma integral de vida; deve governar-nos e tôdas as coisas. Deve levar-nos a ser tolerantes com todos os homens, a prestar auxílio a qualquer que necessite, a repartir com êle e ter compaixão ilimitada. Joseph Smith descreveu o amor como uma fonte a fluir "até consumir-se nossa carne".

É por isto que lutamos. É mais do que 75 por cento de comparecimento à Escola Dominical. Mais do que o pagamento de um dízimo integral. É alcançar um estado de amor que se irradie de nós e nos governe pela vida inteira.

Pense por um instante naqueles que ama. Talvez você se lembre de sua família ou de alguns amigos que realmente lhe têm afeto. Pense naquilo que êsse amor o faz sentir. Agora imagine êsse amor estendido a tudo o que há na vida! Imagine êsse sentimento pela humanidade inteira! Êste é o cristianismo de Jesus Cristo.

O grande sábio alemão, Barão von Spanheim disse certa vez: "Discípulos de Cristo não são aquêles que conhecem mais, mas os que amam mais".

Como um todo, devemos mostrar ao mundo que somos a Igreja de Cristo porque amamos! Nosso sistema missionário é vasto, mas se pudermos nos orgulhar de ter uma Igreja de membros que realmente amem, as pessoas implorarão para juntar-se a nossas fileiras.

As coisas dos...

(Conclusão da página 9)

corpo, enfaixada fortemente com peças de linho ou algodão, de dez ou doze centímetros de largura e aproximadamente 5 metros de comprimento. Essa faixa é colocada até embaixo do queixo e sôbre a testa da criança.

Templo de Herodes

Lucas escreve que oito dias após o nascimento, Jesus foi circuncidado; e mais tarde, depois de cumpridos os "dias da purificação (de Maria), segundo a lei de Moisés, foi levado por seus pais através dos oito quilômetros que separam Belém de Jerusalém, para ser apresentado no templo.

Na realidade, existem três templos mencionados na Bíblia, todos localizados no mesmo local. O mencionado no tempo de Jesus foi construído por Herodes o Grande, sendo o último dos três a ser construído. O primeiro foi erigido por Salomão e destruído por Nabucodonosor, quando da captura de Jerusalém em 586 A.C. O segundo, chamado Templo de Zorobabel, foi edificado pelos judeus após o exílio na Babilônia. Sua dedicação ocorreu em 516 A.C. Após obter permissão de seus suspeitosos súditos, Herodes demoliu êsse segundo templo e construiu o seu com o auxílio de mil sacerdotes especialmente treinados, cujo trabalho teve início no décimo oitavo ano de seu govêrno como rei. É também chamado segundo templo, porque os rabinos consideravam-no parte do erigido pelos exilados ao regressar. Êsse último templo foi feito em ruínas no ano 70 D.C. pelos romanos, após invadirem e destruírem Jerusalém.

Circuncisão

A circuncisão era um antigo sinal distintivo que identificava o povo escolhido de Deus. Era feito para indicar o direito da pessoa de partilhar dos benefícios do convênio que Abraão fêz com Deus. (Vide *Gênesis* 17). Tradicionalmente, como no caso de Jesus, a criança era circuncidada no oitavo dia após seu nascimento. Qualquer judeu podia executar essa operação, mas ela era feita preferìvelmente pelo pai da criança e em geral no lar. Nessa ocasião a criança recebia o nome.

Purificação

De acôrdo com a lei hebraica, após o parto a mulher era considerada impura e devia manter-se isolada por 40 dias, se o filho fôsse do sexo masculino, e 80 dias, se a criança fôsse do sexo feminino. Após isso ela se apresentava no templo para a purificação e a fim de fazer uma oferta a qual, para uma pessoa que era evidentemente tão pobre como Maria, foi fixada em um par de rôlas ou pombinhos. Se a criança fôsse o primeiro filho de sua mãe, e do sexo masculino, pertencia a Deus, de acôrdo com a lei, como as primícias dos rebanhos e os primeiros frutos do campo. Conseqüentemente, seus pais precisavam resgatá-lo, pagando cinco sequéis no templo. Não era necessário levar a criança ao templo para apresentá-la a Deus, mas as jovens mães usualmente o faziam a fim de obter uma bênção para a criança.

Buscando em fontes externas aos escritos sagrados essas informações básicas a respeito do cenário das escrituras, ampliamos nossa compreensão sôbre elas e, assim sendo, apreciamos mais profundamente suas verdades. Estas descobertas são importantes. Como escreveu o falecido Dr. John A. Widtsoe:

"O exame cuidadoso da Bíblia, à luz de nosso melhor conhecimento histórico, lingüístico e literário, esclarece muitos fatos que passam despercebidos ao leitor comum das escrituras".

Mary bateu relutante na porta empenada. Continuava ainda procurando lembrar-se de outra pessoa que fizesse esculturas em madeira, que não o ocupante dessa casa em ruínas.

Bateu outra vez. Êle devia estar em casa, porque uma luz esmaecida se escoava através das vidraças enfumaçadas da fachada.

Esculturas de Natal

Douglass Stevenson

extraido de
The Improvement Era

A casa contava mais de cem anos e tinha sido ocupada ininterruptamente por diversas gerações da mesma família. Olhando para os peitoris estragados das janelas, Mary imaginou que geração as teria mutilado. Os membros da família eram como a casa: tinham ficado cada vez mais decadentes, de geração em geração. Sua família nunca ventilava o fato de que os Devlins eram parentes seus.

O sr. Devlin vivia agora só. Mas quando Mary era jovem êle tinha uma família para valer. Ela ainda lembrava-se das arruaças e brigas de arrepiar os cabelos que costumavam provocar.

May bateu uma vez mais na porta. Enquanto esperava notou como estava cansada. Durante dias tinha-se esfalfado tentando encontrar duas coisas que seu filho incluíra na lista de presentes de Natal. De repente isso lhe pareceu tolice. "Que bôba eu sou", pensou ela, "preocupando-me com a crença de uma criança em Papai Noel. Se êle já tem idade bastante para duvidar, também pode saber a verdade". Era mesmo muito bom que o velho não tivesse aberto a porta.

Voltando-se para partir, assustou-se com umas pisadas fortes vindas de trás da casa. Uma enorme figura saiu da escuridão, recortando-se contra a luz da janela. A aba de um chapéu masculino projetava-se abruptamente sôbre o queixo quadrado e um casaco de malha abotoado se enrugava sôbre o peito troncudo.

"Faz tempo que está aqui?" perguntou êle.

"Não, só uns minutos.

"Eu estava lá fora rachando um pouco de lenha. Não se ouve nada lá do quintal. Entre", disse êle abrindo a porta.

Ela seguiu-o a uma sala parcamente mobiliada. Os móveis descombinados estavam recobertos por uma grossa camada de poeira. O homem atirou o velho chapéu ensebado no sofá, levantando uma pequena tempestade de pó. Depois, voltando-se, sorriu para ela, que com o rosto erguido o fitava. Mas seus olhos fundos e cinzentos não sorriam; êles penetravam-na como aço gelado.

Mary esperava que êle não a reconhecesse. Na verdade, nunca havia visto seu rosto antes. Os círculos sociais de ambos eram totalmente apartados. Mas não havia dúvida de que êle sabia quem ela era.

"Sou Mary Hilton", declarou.

"Eu sei. Percebo por seus olhos fundos. Castanhos, não são?"

Ela fêz sinal que sim.

"Olhos fundos são uma marca de família, sabia?"

Ela não sabia, mas ficara sabendo. "Verdade?" exclamou.

"Sim. Não sei com quem você se casou, mas você é neta de Kate. Eu reconheceria os descendentes dela em qualquer parte. O jeito de erguer o queixo e a sombrancelha é revelador, com um certo ar de aristocracia", declarou com uma ponta de sarcasmo. Depois prosseguiu: "Esta casa foi de seu tetravô. Êle a construiu no verão em que atravessou as planícies".

"Sim, eu sei", disse ela, raciocinando que a ascendência pioneira era o único traço de respeitabilidade que êsse homem possuía.

"Você não se orgulha muito de sua avó ter sido prima de meu pai, orgulha-se?"

"Eu vim conversar com o senhor a respeito de umas esculturas em madeira", disse Mary, mudando de assunto.

"Ah, então você ouviu falar no meu trabalho em entalhe", comentou, evidentemente satisfeito.

"Sim".

"Bem, venha até aqui nos fundos e mostrarei

algumas das minhas esculturas a você.

Mary seguiou-o até uma sala de trás. O homem estendeu a mão para uma lâmpada pendente de um fio no meio do teto e acendeu-a. Ela ficou balançando para a frente e para trás, iluminando o tôpo da bela cabeça grisalha do velho. Êle já passava dos setenta e cinco e seus cabelos eram ainda tão bastos como os de um adolescente.

Havia aparas de madeira por todo o chão. "Eu só varro isto quando tem tanta apara de madeira que não dá mais para atravessar. Se mantivesse isto aqui limpo, não teria vontade de entalhar madeira", gracejou.

Mary sorriu.

"Ali estão elas", disse apontando para algumas figuras numa estante do outro lado da sala. Eram índios de aproximadamente 30 cm de altura, delicadamente esculpidos em madeira escura.

Mary foi até elas e apanhou uma. "Os detalhes são primorosos", disse ela, correndo os dedos pelo pequenino músculo do braço.

O velho sorriu satisfeito, ao se aproximar, explicando a que tribo pertencia cada um.

"Seu trabalho é uma beleza. Que instrumentos o senhor usa?" perguntou ela.

"Só um canivete. Êle tem três lâminas de tamanhos diferentes. É só disso que preciso".

Mary passou novamente os dedos sôbre a superfície polida. "Como faz o acabamento?"

"Bom, depois de entalhar as figuras, dou uma boa lixada e então passo óleo de linhaça quente".

"Verdade? Pensei que isto era algum tipo especial de verniz", declarou com genuína admiração.

"Bem, é preciso umas vinte ou trinta mãos para obter um acabamento assim, isso eu lhe garanto. Dá um trabalho que daria para polir tôdas as mansões do céu", riu.

Ela pôs a estatueta no lugar e estava para apanhar outra quando o homem falou: "Agora vamos ao que você veio realmente fazer aqui. Se não quisesse alguma coisa, nunca me procuraria, isto para não falar no adiantado da hora".

Sua rudeza estava começando a irritá-la.

"Você seria péssima jogadora de pôquer, bem como todo o resto de nossa família", disse êle. "Você fala com os olhos".

Ela virou-se para êle ràpidamente. Estava indo longe demais. Não suportaria tanta insolência. Olhou para êle de nôvo. O velho divertia-se, porque ela havia feito justamente o que êle esperava. Até ergueu o queixo.

Ela sorriu, depois dissem bem humorada: "Tem razão. Vim ver se podia fazer umas esculturas para mim".

"Que é que você deseja?" perguntou com curiosidade.

"Queria que o senhor fizesse uma ave do paraíso e uma serpente emplumada".

"Uma o quê?", exclamou êle.

Uma ave do paraíso e uma serpente emplumada", repetiu ela.

"Eu nem sei o que são essas coisas. Por que raios você deseja isso?"

"Para meu filho. Êle pediu como presente de Natal".

Depois explicou: "Êle tem uma coleção de animais pré-históricos — tiranossauros, brontossauros, tricerátopos..." E se deteve. Êle devia estar pensando que ela queria se exibir.

"Dinossauros, o senhor sabe".

"Sim, sei", disse êle.

"Mas tenho certeza de que há uma outra razão para êle pedir essas coisas", prosseguiu Mary. "Sabe como é, êle está começando a suspeitar que Papai Noel não existe".

"Que diabinho!" sorriu êle.

Ela concordou. Êle sabe tão bem quanto eu que essas coisas são impossíveis de se comprar por aqui".

"Mas por que uma ave? E o que era aquela outra coisa que você disse?"

"Uma serpente emplumada — uma cobra com penas".

"Eu ainda não posso imaginar de onde o menino tirou essas idéias", disse êle.

"É que nós estivemos no México um ano atrás e êle as viu lá. São deuses ou algo assim de um antigo povo".

"Hummmmm", murmurou êle pensativo, "Não sei se conseguiria esculpí-los. Sem jamais os ter visto, não saberia o que fazer".

"Eu tenho fotografias", disse ela.

"Aqui?"

"Sim, aqui na bôlsa". Retirou dois postais e passou-os a êle.

"Bem, por que você não disse logo que queria um quetzal e um Quetzalcoatl?" exclamou o velho.

"O senhor os conhece?" disse ela surpreendida.

"Claro, qualquer pessoa que tenha entalhado tantos índios como eu entalhei não poderia deixar de ouvir falar em Quetzalcoatl".

"Acha que poderia esculpí-los?"

Êle fitou-a com seus penetrantes olhos de aço. "Sim", afirmou, "posso esculpí-los para você".

"Mais ou menos quanto vai custar?"

"Não supunha que preços fôssem problema para sua tribo", disse êle sarcàsticamente. Isso a fêz eriçar-se tôda. "Muito pelo contrário", declarou ela, "questões de preço foram sempre de grande importância em minha tribo. Costumamos pagar nossas dívidas, sabe? E tenciono pagá-lo".

Assim que disse isso teve ganas de morder a língua. Há muitos anos êle havia ido à falência.

Seus olhos gelaram-na. Era melhor sair. Estendendo a mão ela sorriu amàvelmente, dizendo: "Obrigada por mostrar-me suas esculturas. Apreciei muito a visita, mas agora preciso ir. Quando tiver decidido qual será o preço, se resolver fazer o trabalho, por favor me informe".

Êle apertou-lhe a mão sem dizer palavra. Algo em seus olhos fazia Mary sentir-se pouco à vontade.

Cêrca de duas semanas mais tarde o telefone de Mary tocou. Era o sr. Devlin. "Já está pronto seu quetzal".

"Mas, sr. Devlin, o senhor tinha de me dar o preço primeiro", disse Mary, evidentemente tomada de surprêsa.

"Não poderia dizer-lhe quanto era enquanto não soubesse quanto tempo levaria para fazê-la. Eu lhe disse que nunca havia esculpido nada assim antes".

"Bem, quanto lhe devo?" disse ela impaciente.

"Não lhe posso dizer, porque ainda não acabei o Quetzalcoatl".

"Então eu pagarei o quetzal, mas por favor deixe o Quetzalcoatl", disse ela.

"Não posso fazer isso", protestou êle. "O trabalho já está a meio".

Mary nada disse por algum tempo. Era um artifício típico dos Devlins, pensou consigo mesma. Como podia ter feito a tolice de dirigir-se a êle. Agora nada mais lhe restava senão ir apanhar as estatuetas e pagá-lo.

"E quando estarão prontas?" perguntou.

"É para isso que eu telefonei. Não tenho como levá-las, por isso quero que você as apanhe aqui na véspera do Natal.

Não havia outro remédio senão esperar. Na noite de Natal, depois de deixar o menino na capela para o programa de Papai Noel, Mary foi até a casa do sr. Devlin. Êle a esperava e atendeu a porta imediatamente. O quetzal e o Quetzalcoatl estavam sôbre a mesa. Ao invés de serem escuros como os índios, haviam sido esculpidos em madeira clara, quase dourada. As longas plumagens do rabo da ave, entalhadas até adquirir uma espessura de papel, formavam uma filigrana intrincada.

"Que lindos! Que madeira usou?" exclamou Mary, levantando a ave.

"Bôrdo sarapintado", respondeu o velho.

Ela atentou para os olhos da ave. O veio da madeira dava-lhes um ar etéreo. Os olhos da serpente eram iguais.

"Como fêz os olhos?" perguntou.

"Gosta dêles?" disse o homem sorrindo.

"Muito!"

"Deixe-me então mostrar-lhe o que fiz para mim". Foi para o quarto dos fundos e voltou com uma figura de índio. Tinha o rosto erguido e os braços levantados para o céu. O velho havia-o esculpido com a mesma madeira dourada. Seus olhos tinham também uma expressão etérea.

"Êle está em atitude de adoração", comentou ela.

"Sim". Depois, estudando-a atentamente o velho acrescentou: "Êle está adorando o verdadeiro Quetzalcoatl".

"O senhor conhece a lenda de Quetzalcoatl?" perguntou ela.

"Sim", foi a resposta. "Quem você supõe que êle era?"

"Quando estivemos no México, o guia disse que provàvelmente tratava-se de algum marinheiro náufrago que veio dar à praia. Enquanto construía um nôvo barco, ensinou aos nativos uma porção de coisas."

"Há também uma outra versão", disse o velho. "Segundo ela, as mãos e os pés de Quetzalcoatl teriam sido trespassados e havia uma ferida em seu lado."

Mary contemplou os olhos cinzentos e suaves do velho.

"Bom," disse ela, olhando para a bôlsa, "preciso pagar-lhe. Quanto é?"

"Venho trabalhando nessas esculturas desde que você estêve aqui. Portanto, o menor preço corresponderia a um mês de salário". E olhou para ela maldosamente.

Mary ficou furiosa. "Eu queria que o senhor me telefonasse antes de fazer as esculturas. Julguei que me tivesse compreendido. Estou certa de ter deixado bem claro que queria apenas brinquedos. Se o senhor tivesse empregado alguma madeira como pau-de-balsa, poderia tê-los esculpido grosseiramente em poucas horas."

"Pau-de-balsa!" trovejou êle. "Você queria que eu fizesse um trabalho dêsse em pau-de-balsa!"

"Desculpe-me", disse Mary desesperada. "Acontece que eu acho que não vou poder pagá-lo."

"Ah, você pode me pagar, sim."

Ela devia ter sabido. Os Devlins sempre haviam achado que sua família era rica. Em que boa enrascada se metera.

"Não posso lhe pagar tudo isso já", disse ela. "O senhor ... o senhor espera o pagamento para o Natal?"

"É claro, para êste Natal e para todos os outros", disse êle, esquadrinhando uns velhos papéis de embrulho. Encontrou um saco e continuou procurando algo.

Vou ter de pagar por isto pelo resto da vida, pensou Mary, enquanto apanhava o talão de cheques. Seu saldo estava bem baixo.

Pondo as esculturas no saco, êle as entregou a Mary. Depois viu o talão de cheques aberto. "Você não vai poder me pagar com isso que tem aí em sua conta", disse com desagrado. "Não compreende? Estou-lhe dando a minha arte — uma parte de mim — a única coisa decente e bela em tôda a minha vida!"

"Mas como quer eu lhe pague, então?" perguntou Mary em desespêro, sentindo-se como que agrilhoada.

Êle não respondeu. Pelo contrário, abriu a porta da frente e disse com rudeza: "Feliz Natal".

Ela hesitou.

Lendo-lhe os pensamentos, o homem acrescentou: "Você receberá a conta".

Mary regressou confusa. Uma vez chegando, abriu o saco de papel com um gesto automático. Havia um bilhete dentro. Ela o apanhou e leu: "Empreguei meu talento para preservar o Natal de um menino. Se quer pagar sua dívida, faça o mesmo".

Mary ficou imobilizada diversos momentos, olhando para o papel. Teria êle planejado dar-lhe as esculturas desde o princípio?

Suavemente, quebrando a quietude da noite, músicas natalinas fizeram-se ouvir. Ela caminhou para a porta e abriu-a mansamente.

Genealogia

Um Apêlo a Maior Diligência

"O fato mais extraordinário já acontecido na história do mundo foi o de os corações dos filhos voltarem-se para seus pais. Desde o dia em que essa mensagem foi transmitida por Moroni ao profeta Joseph Smith, homens e mulheres de tôdas as partes do mundo organizaram-se em sociedades, pesquisando seus antepassados e compilando registros genealógicos de suas famílias. Milhões de dólares foram dispendidos nesse propósito. Ouvi falar de muitas pessoas e conversei com várias que aplicaram grandes somas de dinheiro na compilação de históricos de seus ancestrais e, após concluído o trabalho, quando se lhes perguntava por que o fizeram, diziam: 'Não sei; fui tomado por um desejo irresistível de compilar aquêle registro sem olhar despesas. Agora que está pronto, não encontro serventia para êle'. Os santos dos últimos dias dão um valor inestimável a êsses livros. Quando pesquisamos conscientemente, ano após ano, para descobrir os antepassados de nossa família que morreram sem conhecimento do Evangelho, estou seguro de que o Senhor faz com que sejamos bem sucedidos". (Discurso da Conferência de abril de 1928 — Presidente Heber J. Grant).

Em uma antiga publicação da Igreja existe um artigo interessante a respeito dêsse importantíssimo dever: o de buscar as informações necessárias para a preparação dos registros, a fim de que as ordenanças possam ser efetuadas para os nossos ancestrais na Casa do Senhor. "O esplendor da verdade que ilumina o converso ao Evangelho fá-lo voltar-se muitas vêzes para a redenção de seus ancestrais, após seu próprio batismo. Na falta de instruções definidas quanto à forma de colhêr e preparar o material necessário, êle muitas vêzes adia a pesquisa para quando se reunir à Igreja em Sião (ou espera até que um templo seja construído) . . .

"Há boas oportunidades de se obter êsses dados com pessoas ou em registros existentes na própria zona em que os antepassados viveram. Na maioria dos países cristãos, têm-se mantido registros religiosos por mais de um milhar de anos. Tanto na Europa como na América, o govêrno guarda arquivos de testamentos, escrituras, alistamentos militares e outras fontes importantes, contendo informes genealógicos. Afortunadamente para o pesquisador da Igreja, êste hábito prevalece há centenas de anos. Alguns dêsses registros perderam-se, outros foram destruídos em épocas de guerra, pelo fogo ou pela umidade; mas o fato maravilhoso é haver ainda tanto material genealógico dêsse tipo nos arquivos das paróquias, igrejas e escritórios governamentais, todos os quais estão à disposição dos que buscam informações".

É digno de nota o enorme esfôrço e o tempo dedicado na Igreja ao estudo de genealogia; os membros recebem aulas, entram para várias associações de fomento à pesquisa genealógica, organizam-se em grupos de alas e estacas e formam classes em distritos e missões, tudo isso para tornarem-se ativos em pesquisa e trabalho nos templos. Entretanto, o que se conclui é que para se fazer pesquisa e trabalho nos templos o imprescindível é começar. As aulas naturalmente têm seu papel no ensino dêsse assunto de capital importância, mas nunca poderão substituir a ação. Muitos membros da Igreja receberam horas e horas de aulas teóricas sôbre o assunto, porém poucos dêles dedicaram tempo igual a pôr em prática o que aprenderam.

O caminho está aberto para aquêles que desejam tornar-se salvadores em Monte Sião. É evidente, para todos os que querem ver, que Elias, o profeta, apareceu e entregou sua obra ao mundo. Tôdas as sociedades, bibliotecas e revistas genealógicas; os milhões de registros existentes; cada nome em cada página de árvore genealógica; e todos os indivíduos de áreas povoadas do mundo, empenhados em pesquisar seus mortos, são um testemunho tangível, físico de que Elias veio. Pois todos indicam o cumprimento da missão daquele profeta de "converter os corações dos filhos aos seus pais".

Os resultados de sua missão estão ao nosso redor. A evidência é conclusiva. Não há lugar para dúvida. Elias veio. Uma das grandes profecias cumpriu-se.

Se nós, como a Israel do Senhor nos últimos dias, ouviremos os mandamentos de Deus e empenharmos nosso tempo e meios em promover essa obra, Êle nos abençoará com conhecimento e poder de executar o trabalho para o qual fomos enviados.

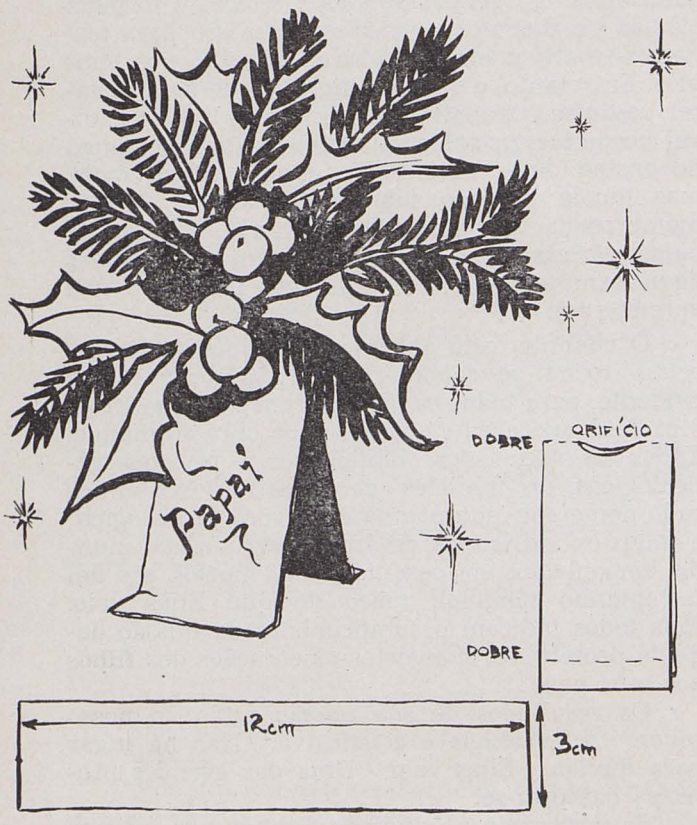
Observemos as palavras do presidente Wilford Woodruff quando da dedicação do Templo de Salt Lake: "Assim como tens inclinado os corações de muitos que ainda não entraram em convênio contigo a pesquisar seus progenitores e, assim fazendo, a traçar a genealogia de muitos dos teus santos, nós te suplicamos que aumentes nêles êsse desejo, a fim de que por êsse meio possam auxiliar na realização de tua obra. Abençoa-os, nós te rogamos, em seu trabalho, para que não caiam em êrro na preparação de suas genealogias; e, mais, nós te pedimos que abras diante dêles novos caminhos e coloques em suas mãos os re-

gistros do passado, para que seu trabalho seja não apenas correto, mas também completo".

Existem milhares de pessoas que prestam fervoroso testemunho de que esta prece inspirada foi atendida em seu benefício. Encontrou-se material onde se supunha que não existisse e fatos miraculosos preservaram registros para uso no grande trabalho de pesquisa.

Essa obra destina-se a todos os membros. Os mais velhos, assim como os jovens, devem participar ativamente. Tôda a pessoa pode, com diligente aplicação e treino, tornar-se eficiente na busca de informações sôbre seus ancestrais. Centenas de membros da Igreja, através de seu próprio esfôrço, dominaram a técnica da pesquisa genealógica e obtiveram maravilhosos resultados para inspirá-los a ainda maiores esforços.

Quando Jesus disse a seus discípulos que buscassem e encontrariam, pedissem e receberiam e batessem que ser-lhes-ia aberto, não falava em teoria, mas num sentido prático. Nessa prática que devemos aplicar à pesquisa. Buscar a informação de que precisamos, pedir a nossos amigos e parentes para auxiliar-nos e depois bater à porta do Senhor, solicitando auxílio para obter resultados compensadores. Não, não devemos adiar. Podemos começar já e obter resultados quase imediatos. O Senhor nos abençoará se fizermos o esfôrço.



Algo Para Fazer

Marcadores de Lugar

Faça êstes marcadores de lugar para a ceia de Natal da família ou para uma festinha de Natal.

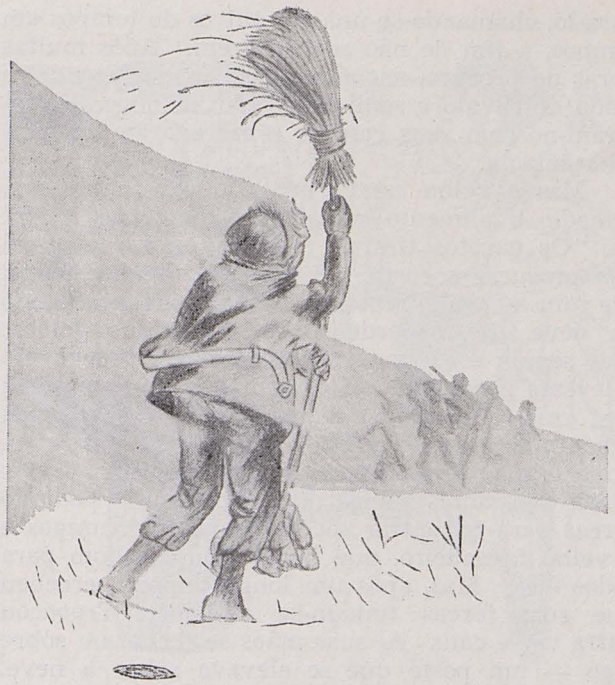
Use uma tira de cartolina de aproximadamente 13 cm de comprimento e 4 cm de largura. Ela pode ser colorida de vermelho ou verde. Depois, dobre cada tira pela metade e corte uma abertura no meio da dobra. Dobre, então, para fora as extremidades, como na figura.

Êsse cartão, com o nome de cada um, serve de suporte para se colocar raminhos de pinheiro e pequeninas bolas de Natal. (Surripie os raminhos da parte de trás da árvore de Natal ou arranje folhagens no jardim. Frutinhas coloridas também servem para enfeitar).

Os suportes podem ser reforçados com papelão, para ficarem mais firmes.

Escola Dominical

De acôrdo com o programa internacional do Magazine Unificado, do qual a LIAHONA é parte, os hinos de ensaio e jóias sacramentais de cada mês serão publicados na revista referente a êsse mês, pelo que o material de janeiro aparecerá em a LIAHONA de janeiro.



Os Feixes de Cevada

Bernardine Beatie

extraído de
The Children's Friend, 1966

Era noite de Natal. O pequeno Mike sentado à janela de sua casa olhava para a rua, a oeste. Mal dava para se avistar as luzes do pôsto de gasolina do Velho Mike, bruxoleando através da neve que caía. Em frente de cada casa, em ambos os lados da rua, havia um alto poste, com um feixe de cevada na ponta.

"Mamãe", chamou o pequeno Mike. "Posso ir lá com o vovô?"

"Você quer é ouvir a história de Natal de seu avô, novamente". E mamãe aproximou-se, parando ao lado de Mike. "Às vêzes acho que todos nós colocamos aquêles feixes no alto, mais para agradar seu avô do que por qualquer outra razão".

"Não", disse Mike, "é para os passarinhos e por Olaf".

"Uffff!" disse mamãe. "Todo o mundo menos seu avô tem certeza de que Olaf está morto há muitos anos. Ninguém poderia ter sobrevivido àquela tempestade de neve".

Mike achava que sua mãe tinha razão, mas era tão triste. Vovô queria um final melhor para sua história de Natal — um final feliz — e Mike também.

"Está bem. Dê uma corrida até lá", disse mamãe. "Mas você e seu avô tratem de fechar as portas e estar em casa às dez".

Mike chegou ao pôsto de gasolina exatamente quando um grande carro parava no abrigo. Um homem alto escorregou de trás da direção. Usava um uniforme azul escuro elegante e um quepe com pala guarnecida de alamares dourados. Parecia enorme recortado contra a planície escura, coberta de neve. Os olhos de Mike se arregalaram ao ouvir seu avô chamar o homem de "Capitão". Êle nunca havia visto um capitão da marinha antes.

"Diga-me", perguntou o estranho, "por que penduram êsses feixes diante das casas?"

O Velho Mike empertigou-se todo. "Tem tempo para ouvir uma história?"

"Há sempre tempo para uma história", disse o homem do mar".

"Venha para cá", disse vovô, "aqui dentro está quente".

Quando vovô lhe ofereceu uma cadeira perto da pequena estufa que chiava, o estranho recusou com um gesto de cabeça. Ao invés disso, puxou o quepe sôbre os olhos e sentou-se num canto obscuro do pequeno compartimento. Vovô tomou seu lugar costumeiro ao lado da estufa e Mike sentou-se ao lado dêle, torcendo para que não aparecessem fregueses para perturbar a história.

"Certa vez, muitos anos atrás", começou vovô, "viviam aqui um bondoso fazendeiro e sua espôsa. Adoravam crianças. Os anos se passaram e quando os filhos não vieram abençoar seu lar, principiaram a cuidar de meninos abandonados que encontravam. E havia muitos dêles, pois isto foi nos dias da grande depressão, quando a fome assolou o país. Primeiro apareceu um menino, depois outro, até que todos os quartos da fazenda estavam repletos de garôtos desamparados. Era uma turma brava aquela, turbulenta e terrível. O fazendeiro estava sempre a tirá-los de enrascadas na escola ou na cidade. Muitos vizinhos comentavam que êle estava criando rapazes para a cadeia. Talvez estivesse — porque era um bando terrível!

"Então, certo dia de primavera um menino diferente apareceu. Era alto, com o cabelo côr de trigo maduro, e disse que seu nome era Olaf Jensen. Vinha de uma terra distante, além do mar, e era forte como uma tempestade de inverno. E, no entanto, havia algo de estranhamente amável e gentil em sua pessoa. As flôres que plantava brotavam mais rápido que as outras, os pássaros cantavam quando êle estava perto e os

animais mais bravos da fazenda amansavam ao som de sua voz".

O jovem Mike olhou para cima, sabendo que neste ponto vovô faria uma pausa — êle sempre a fazia. Sabia também que teria um ar distante nos olhos, quase como se ouvisse a voz de Olaf.

"Sim", disse o homem alto convidando-o a continuar.

"Os garôtos não gostavam de Olaf", continuou vovô. "Êle era diferente dêles e às vêzes falava uma língua estranha. Êles sentiam também que o velho fazendeiro e sua mulher tinham por êsse Olaf um afeto especial que não sentiam por êles e ficaram enciumados. Quando o fazendeiro e sua espôsa não estavam por perto, os garôtos atormentavam Olaf com todo o tipo de mesquinharia que se possa imaginar. E o chefe da turma era um moleque chamado Mike.

"Isso magoava Olaf, que tinha amor por todo o ser vivo".

O pequeno Mike aproximou um pouco mais sua cadeira da estufa, espantado de que vovô tivesse sido um dia o jovem Mike da história — turbulento e rude.

"Por que êsse Olaf não brigava quando era abusado?" perguntou o estranho das sombras.

"Certa vez êle brigou. Numa noite de Natal — nevoenta e fria — exatamente como hoje. Olaf havia amarrado um feixe de cevada a um poste e o cravara no chão, a uns cinqüenta metros da casa.

"Para os passarinhos", disse êle. "É um hábito de minha terra".

"Os meninos riram, derrubaram o poste e destruíram o feixe. Olaf recolocou o poste e o feixe no lugar vez após vez. Finalmente os meninos se cansaram da brincadeira e deixaram o poste em pé. Mais tarde, contudo, Mike viu um passarinho voando ao redor do feixe, apanhou um estilingue e matou-o. Olaf viu isso, correu, apanhou o passarinho com dedos delicados e depois voltou-se para Mike, com os olhos azuis faiscando. Atirou Mike ao chão e caiu sôbre êle.

"Os outros garôtos, chocados com a fúria de Olaf começaram a puxá-lo.

"Pare! Você vai matá-lo!" gritou um dos meninos.

"A loucura e a fúria desapareceram dos olhos de Olaf. Êle ergueu-se, com uma profunda tristeza no rosto. "Vou-me embora", disse mansamente. "Só trago infelicidade a êste lugar. Meu coração está triste. Quando passar talvez eu volte". Abotoou o casaco ao redor do pescoço e desapareceu na neve que caía.

"Os garôtos ficaram apavorados, vendo formar-se um temporal. A casa ficava a 30 quilômetros de distância da cidade mais próxima. Olaf morreria seguramente! Correram para o fazendeiro e lhe contaram.

"O fazendeiro endireitou o corpo e falou: "Em que tenho fracassado com vocês, meus filhos?" E selou um cavalo, saindo pela tempestade a procura de Olaf.

"Caiu a noite e êle não voltava. Os garôtos selaram cavalos e formaram um cordão para procurá-lo, chamando-se uns aos outros de tempos em tempos, a fim de não se perderem. Após muitas horas de procura, encontraram o velho fazendeiro caído do cavalo e semi-enterrado na neve. Enrolaram-no com seus casacos e carregaram-no para uma cabana.

Mas o velho estava ardendo em febre; sem remédio e alimento certamente morreria.

"Os garôtos tiraram a sorte para ver quem iria procurar socorro. A sorte caiu sôbre Mike. Êle saiu a cavalo, puxando o boné para protegê-lo da neve. Logo perdeu-se na escuridão gelada. Mas seguiu em frente, esperando que seu cavalo o levasse para casa. Aí o animal se espantou com um ruído estranho e o derrubou. Procurou agarrar-se as rédeas do cavalo, mas êste fugiu. Mike ergueu-se e tropeçou. Orou a Deus — êsse Mike que antes nunca havia orado — pedindo fôrças para encontrar socorro para seus amigos e o velho fazendeiro, que havia sido tão bom para todos êles. Mas, após um longo tempo, percebeu que suas fôrças tinham-se acabado. Tropeçou outra vez e caiu. Aí suas mãos se fecharam sôbre algo — um poste que se elevava sôbre a neve. Amarrado a êle havia um feixe de cevada. O poste de Olaf! E o poste de Olaf salvou a vida do velho fazendeiro, pois Mike encontrou a fazenda e enviou socorro".

"O que aconteceu aos outros garôtos?" perguntou o estranho.

Vovô parecia perdido em seus sonhos, de forma que o pequeno Mike continuou a história. "Êles mudaram depois dêsse dia. Acomodaram-se e procuraram ser bons filhos para o velho fazendeiro. A maioria dêles ainda vive. Moram aqui por perto, assim como muitos de seus filhos".

"É por isso que o Senhor vê os feixes de cevada", concluiu vovô.

"Então nunca se descobriu nenhum vestígio de Olaf?" perguntou o estranho.

"Não", disse o pequeno Mike. "Esta é parte que eu não gosto na história — o final".

O estranho riu baixinho. "Como deveria terminar?"

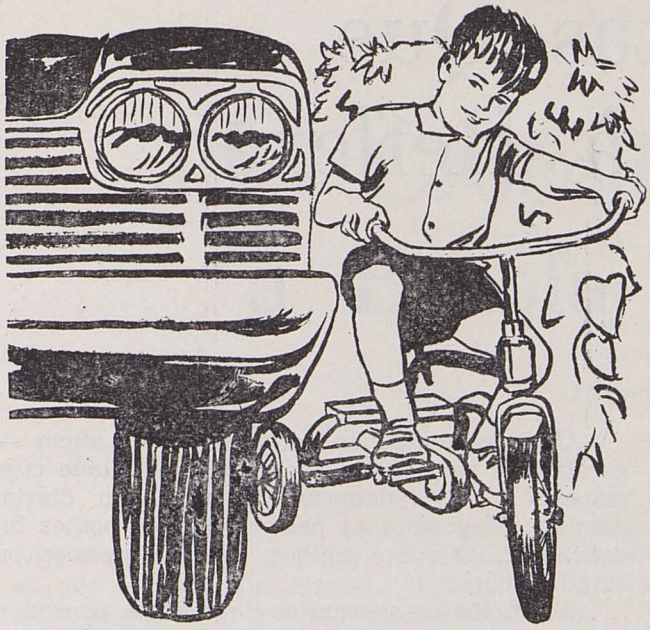
"Olaf tinha de voltar!" respondeu o pequeno Mike. "Voltar e ver que não trouxe infelicidade, que por causa dêle os garôtos abandonaram seus maus costumes!" Mike balançou a cabeça melancólico. "As histórias de Natal deveriam terminar sempre bem!"

O estranho se ergueu. Parecia encher todo o recinto ao arrancar o quepe da cabeça. Seu cabelo era branco como a neve, mas a luz forte que pendia do teto tornava-o da côr do trigo maduro.

Os olhos do pequeno Mike quase saltaram das órbitas e o único som que se ouvia na sala era o chiado da estufa de gás. Então vovô adiantou-se. Em seu rosto via-se um sonho realizado ao agarrar a mão estendida do capitão do mar.

"Olaf — Olaf!" sussurrou vovô.

Bem devagarinho o pequeno Mike escapou da sala. Achou melhor que os dois velhos concluíssem sòzinhos a história. Mas sorria, ao acalentar o final feliz em seu próprio coração.



Bebeto

Lowell M. Durham, Jr.

de uma ilustração de Sherry Thompson

"Sei trabalhar 'igual' homem!" insistia Bebeto.

Estava postado bem à minha frente, de nariz erguido, as mãos nos quadrís pequeninos. Eu tentava sem nenhum resultado explicar-lhe por que um irmãozinho de quatro anos não podia ajudar a gente a trabalhar debaixo do carro. Suas calças de zuarte estavam desbotadas mas limpas e eu sabia que mamãe arrancaria a pele de nós dois se êle enchesse a roupa de graxa.

Bebeto arrastou-se por volta do carro, apanhou uma chave inglêsa e começou a bater na calota, de vagar a princípio, mas aumentando de intensidade e freqüência a cada batida. Num rompante de raiva, arranquei-lhe a chave inglêsa e dei-lhe uns tapas na mão. Imediatamente êle começou a chorar e fugiu soluçando por trás do carro. Mas reapareceu um minuto depois, chupando o dedo indicador direito, enquanto segurava desamparadamente o lóbulo da orelha direita com a mão esquerda. Para Bebeto isto era sinal de extremo cansaço ou mágoa.

Continuei trabalhando debaixo do carro, fazendo o possível para ignorá-lo. Percebi que sua mágoa dissolvia-se ràpidamente. Deu-me um olhar gelado pelo canto dos olhos; depois montou no velocípede e começou a fazer círculos lentos ao redor de meus pés, raspando nêles com a roda ocasionalmente, para afinal passar bem por cima dos dois. Continuei a ignorá-lo.

Êle enfiou a cabecinha loira embaixo do carro. "Vamos brincar de avião?" gritou.

"Não vamos nada", esbravejei.

Êle parou, depois disse em tom suave: "Eu gosto de cachorrinhos. Você gosta também?"

Respondi que sim irritado. Nesse momento tinha dificuldade de gostar de irmãozinhos.

Bebeto pisou ràpidamente mas com fôrça em meu tornozelo e desapareceu por uns abençoados trinta segundos. Então, de minha posição embaixo do carro vi que retornava. Suas botas de *cowboy* arrastando-se, com as calças meio dentro, meio fora, avançavam ameaçadoramente em minha direção. Uma vez mais o rostinho moreno apareceu embaixo do carro.

"A mamãe está chamando você", disse eu.

Êle avançou mais ou menos uns três metros, agachou-se e começou a rolar bolinhas de gude pelo piso ligeiramente inclinado da garagem. As primeiras duas bolinhas passaram bem à minha direita. A terceira, seguramente a maior que possuía, acertou-me em cheio na cabeça.

Minha exígua paciência esgotou-se por completo. Saí rastejando de sob o carro e bati com a cabeça. Apanhei-o e apliquei-lhe uma palmada bem ardida no lugar adequado, depois o sentei nos degraus da casa com fôrça um pouco excessiva. Seguiu-se uma torrente de lágrimas e soluços. O reconfortante indicador foi parar na bôca outra vez, enquanto a mão esquerda segurava o lóbulo da orelha direita. Seu rostinho moreno não era tão moreno quanto eu pensava: uma lágrima havia deixado um rastro claro ao correr pela face.

"Que fazer agora?" pensei. "*Cowboys* não choram", disse eu.

Êle olhou para o chão e enxugou os olhos no braço.

"Você quer ser *comboy* quando crescer, não quer?" perguntei.

"Não", disse êle baixinho. Isto era uma surprêsa, pois ser vaqueiro havia sido sempre seu maior sonho.

"O que é que você quer ser então?" perguntei.

Êle parou, olhando para mim com aquêles olhos azuis cheios de lágrimas. Depois disse com voz entrecortada: "Quero ser como você". E com isso virou-se e subiu correndo a escada.

Senti um frio e um calor ao mesmo tempo — calor porque meu irmãozinho queria ser como eu e frio porque tinha feito tão pouco para merecer tamanha devoção. Fui lá para cima e dei a Bebeto um enorme abraço de irmão e juntos descemos para trabalhar em nosso carro.

Perguntas Que Estimulam à Reflexão

Lowell L. Bennion

extraído de
The Instructor

Sócrates (469?-399 A.C.), o célebre filósofo, é renomado pelo método socrático de ensino. Êsse método consiste simplesmente em perguntar as opiniões das pessoas e depois questionar suas respostas, até que façam sentido e se tornem lógicas.

Todos os grandes mestres, antes e depois de Sócrates, ensinaram por perguntas. Não se contentaram em ouvir suas próprias preleções, mas interessaram-se em suscitar pensamentos na mente de seus ouvintes. O ensino é interpretado por êles como aprendizado. Fazer perguntas custou a Sócrates sua própria vida, mas êle estimulou os pensadores, através das eras, a usarem seu método de ensino.

Êsse método é tão adequado na religião como na filosofia. O maior Mestre disse:

"*Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á*". (Mateus 7:7).

Êle próprio freqüentemente ensinava por meio de perguntas, de parábolas que suscitavam perguntas e contra-perguntas. (Leia um dos Evangelhos para analisar o uso de perguntas feito pelo Salvador). A restauração do Evangelho teve início com uma pergunta feita pelo jovem Joseph. E não apenas a Primeira Visão, mas quase tôdas as outras revelações que o Profeta recebeu foram em resposta a alguma pergunta.

Entre as grandes habilidades de um professor eficiente da Escola Dominical está a arte de formular boas perguntas.

Qual é o propósito de se usar perguntas?

Devem ser empregadas para provocar o pensamento, para fazer os alunos pensarem, para envolvê-los no processo de aprendizado. Boas perguntas são perguntas que dão o que pensar.

Existem dois tipos de pergunta que não preenchem êsses requisitos. O primeiro é o tipo que requer um "sim" ou um "não" por resposta. Por exemplo: Jesus é o nosso Salvador? Uma pergunta mais estimulante seria: De que salvou-nos Jesus Cristo? Ou, por que você precisa de um Salvador? As perguntas que podem ser respondidas com um simples "sim" ou um "não" pouco estimulam o pensamento e em geral não conduzem os alunos a lugar algum. Elas devem ser usadas raramente, e ainda assim seguidas de uma outra pergunta que requeira mais raciocínio.

O segundo tipo de pergunta pouco eficaz — geralmente empregada em série — é aquêle cuja resposta é óbvia demais: Devemos orar diàriamente? Magoamos as pessoas quando somos indelicados? O que é melhor, odiar as pessoas, ou amá-las?

As melhores perguntas incitam a pensar e contribuem para a compreensão do propósito central da aula. Portanto, muitas vêzes é de bom alvitre construir a aula inteira em tôrno de uma única pergunta ou ao redor de três ou quatro perguntas fundamentais, que permitam discussão em profundidade. Por exemplo: "Cada um de vocês quer nos contar uma maneira pela qual se demonstre amor a Deus e ilustrá-la com fatos ocorridos em sua própria vida?"

Como o professor pode obter boas respostas e levar os alunos a formular perguntas espontâneamente?

Certa jovem de 14 anos disse: "Detesto quando o professor faz uma pergunta, ri da minha resposta ou não a aceita porque não está exatamente nas palavras que êle usaria e depois responde sua própria pergunta. Gosto que o professor ouça minhas respostas com respeito e também as minhas perguntas". Não há lugar mais adequado para se respeitar o livre arbítrio, individualidade e dignidade de outro ser humano do que na sala de aula, onde cada um age sob os olhares alheios. Abençoado é o professor que, através de genuína humildade, amor e sensibilidade, pode criar uma atmosfera receptiva, de confiança, na qual os alunos sintam-se à vontade para tomar parte ativa, inclusive perguntando.

Uma das melhores formas de suscitar perguntas dos alunos e preparar terreno para plantar nêles as sementes é dividir a classe em grupos de cinco a oito, escolher um coordenador em cada turma e pedir que cada grupo formule três perguntas sôbre o assunto escolhido: arrependimento, por exemplo. Devem ser escritas e entregues ao professor. Os alunos ficarão interessados nas perguntas uns dos outros. Um professor bem preparado pode então ordená-las ràpidamente para um debate interessante. Não há nada melhor em classe do que fazer com que o pensamento se inicie com os alunos.

Um Crocodilo Não Vai à Escola Dominical

Janice Dixon

Ronaldo tinha três anos de idade, e como hoje era dia do seu terceiro aniversário, lembra-se de que sua mãe lhe dissera: "Quando tiver três anos, já poderá ir à Escola Dominical Júnior".

"Quero ir à Escola Dominical", disse Ronaldo e pôs suas meias novas e os sapatos mal saídos da loja.

"Amanhã há Escola Dominical", disse-lhe sua mãe, "mas hoje é sábado. Vamos aos zoológico ver os animais".

"Os animais do zoológico vão à Escola Dominical?" perguntou Ronaldo.

Sua mãe riu e disse: "Não, os animais não saberiam se comportar na Escola Dominical".

O portão do zoológico era alto como o céu, com dois enormes tigres de cimento no alto, um de cada lado. Dodô correu logo para dentro, onde os tigres não pudessem vê-lo. Nesse exato momento ouviu um urro tremendo, forte como um trovão. Um leão côr de marmelada andava para lá e para cá dentro de sua jaula. E a cada momento êle abria a bôca e soltava um urro bem forte.

"Já sei por que o leão não vai à Escola Dominical", disse Ronaldo. "É muito barulhento".

O urro do leão interrompeu o matraquear dos macacos e Ronaldo correu a vê-los balançar e subir nas barras. Um macaquinho corria atrás do outro em círculos, sem parar. Outro macaquinho todo marrom, com olhos sérios, virou de pernas para o ar na barra e olhou para Ronaldo entre as pernas.

"Você não pode ir à Escola Dominical", disse Ronaldo, "porque não sabe ficar sentado quietinho".

O jumento era marrom e muito macio com um focinho quente e molhado. "Parece um cavalo, exceto pelas orelhas que são diferentes, disse Ronaldo. Mas quando o jumento abriu a bôca e zurrou, "I-i-i-i-i-i-i," Ronaldo repreedeu-o. "Você não pode rir dêsse jeito na Escola Dominical."

O boi estava atrás da cêrca de arame, quando viu Ronaldo, correu para seu lado e tentou cotucá-lo com os chifres pontudos. "Você tem de aprender a não cotucar os outros," advertiu Ronaldo, "senão nunca vai ouvir bonitas histórias." Mas o boi apenas sacudiu os chifres pontudos.

Quando Ronaldo chegou perto do hipopótamo, viu comida por todos os lados. O hipopótamo parecia nem se incomodar. Dormia a bom dormir debaixo d'água, só com o nariz de fora. Havia um pouco de alface num lado do cercado e algumas laranjas espalhadas no outro. Via-se capim pelo chão todo e uma cenoura flutuava na água, quase batendo no nariz do hipopótamo adormecido.

"Não se joga comida nem coisa alguma no chão, dentro da Igreja", disse Ronaldo. "Cuidamos bem da nossa capela". O hipopótamo bocejou, abriu sua enorme bôca, engoliu a cenoura e continuou a dormir.

O crocodilo também dormia a sono sôlto, em seu tanque. Ronaldo chamou-o "Ei, crocodilo!" Mas o animal nem piscou. O empregado do zoológico atirou-lhe comida e Ronaldo chamou de nôvo, mais alto: "Ei, crocodilo continuou imóvel. Parecia até um enorme bicho plástico de brincar na banheira. "Se êsse velho crocodilo não prestar atenção, êle nunca aprenderá as histórias e os hinos."

Ronaldo viu todos os animais do zoológico, mas não encontrou nenhum que soubesse comportar-se na Escola Dominical. O elefante foi o último que visitou. Ronaldo sempre o deixava para o fim, porque êle era o seu favorito. A mãe de Ronaldo lhe disse que o elefante lembrava-se das coisas durante anos e anos. O enorme animal cinzento estava caminhando. Quando viu Ronaldo, veio para a beirada da cêrca e estendeu a tromba para êle.

"Êle lembra-se de mim!" riu Ronaldo e deu-lhe a migalhas de pão que trazia num saco.

"Assim como o elefante, também lembrarei de comportar-me bem na Escola Doinical. Vou lembrar-me de não fazer barulho, como o leão, de não ficar me mexendo como os macaquinhos, de não rir como o jumento, de não cotucar os outros como o boi. Não farei sujeira como o hipopótamo e prestarei muita atenção quando alguém contar uma história, porque não vou dormir como o crocodilo."

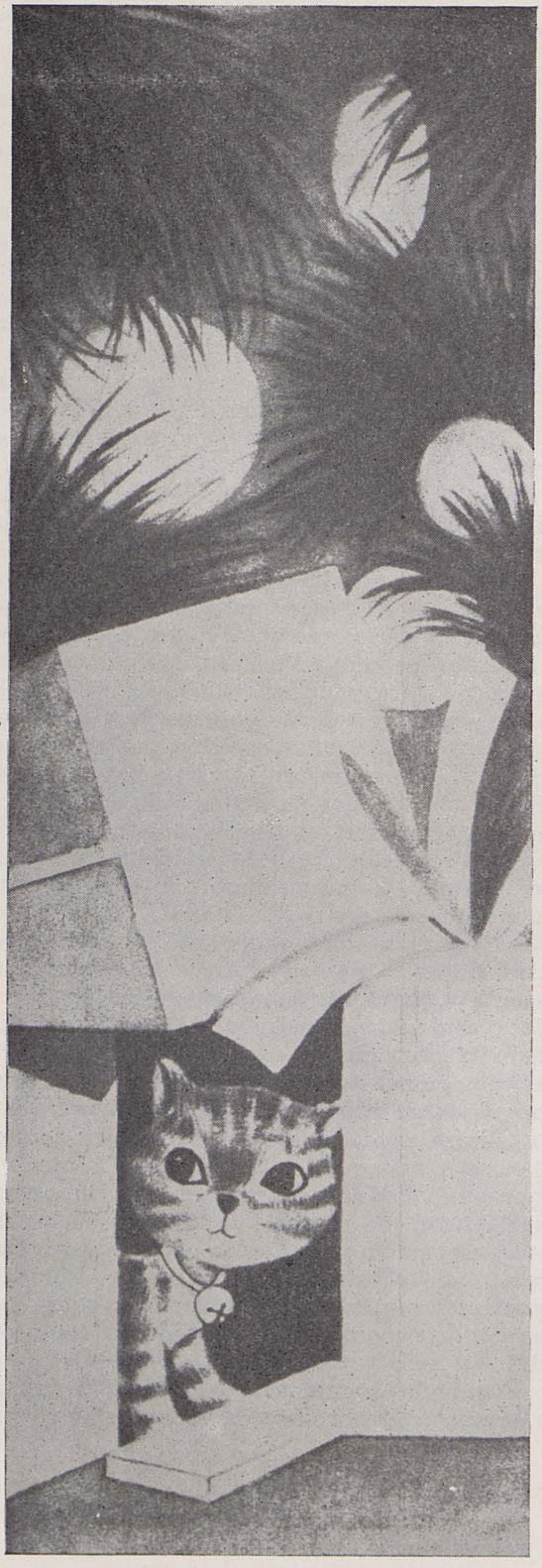
E quando Ronaldo foi à Escola Dominical, no dia seguinte, lembrou-se de tôdas estas coisas.

A Caixinha de Ron-Ron Perdida

Blanche Bolshinski

ilustrado por Beverly Johnston

extraido de The Children's Friend 1966



Bolinha Fôfa não sabia que aquela era a véspera do Natal. Não sabia que seria uma surprêsa e tinha de ficar escondida no porão. Bolinha Fôfa só sabia que estava triste. Mamãe Gata não estava mais com ela. Seus irmãozinhos fofinhos não tinham vindo para esta casa grande, com uma porção de cheiros esquisitos. E ela tinha perdido sua caixinha de rom-rom. Não podia mais ronronar.

"Talvez eu tenha perdido a caixinha enquanto atravessava a casa com aquela senhora, esta manhã", disse de si para si. Preciso encontrá-la já, já".

Bolinha Fôfa esgueirou-se para fora da cesta que tinha dentro uma manta côr de rosa macia e subiu os degraus para a cosinha.

Através de uma porta, ouviu um som conhecido. Podia ser sua caixinha de rom-rom. Fazia Rommmmmm e depois pifffffff. Rommmmmm pifffffffff.

Devagarinho Bolinha Fôfa entrou pela porta e se esgueirou pelo tapête espêsso.

"É na cama", disse consigo mesma. Enterrou as pequenas unhas no cobertor e subiu.

Rommmmmm pifffffffff.

Ah, era uma caixa de rom-rom bem forte! Enquanto Bolinha Fôfa se esgueirava mais para perto, a caixa subia e descia, subia e descia sob as cobertas. Aí, quando a gatinha começou a avançar para o lugar de onde vinha o som, as cobertas saltaram e o homem se virou.

Bolinha Fôfa deu duas cambalhotas, caindo da cama. Encolheu-se e formou uma bolinha debaixo da cômoda, tremendo.

"Nunca mais serei feliz sem minha caixinha de rom-rom", miou ela baixinho.

Quando o alvorecer cinzento começou a se esgueirar pelo quarto de mansinho, como



um gatinho silencioso, Bolinha Fôfa levantou as orelhas de contentamento. Havia outra caixa de rom-rom por perto.

Era do lado de lá da sala. Ràpidamente correu para o outro quarto. O ruído vinha de uma mesinha ao lado da cama de tia Maria. Justamente quando a gatinha se esticava para apanhar a caixa de rom-rom, tia Maria virou-se e apertou um botão. "Por que foi que eu pus o relógio para despertar esta manhã?" perguntou sonolenta. "Ah, sim, por causa do leitão. Tenho que por o leitão no forno".

Tia Maria quase pisou em Bolinha Fôfa enquanto tateava à procura dos chinelos.

Pobre Bolinha Fôfa!

Antes tivesse ficado no porão, sôbre a macia manta côr de rosa. Ela começou a procurar a escada para descer novamente, quando um grande rom-rom vindo de trás fê-la pular e se eriçar tôda com um chiado.

Aquela deve ser uma caixa de rom-rom grande demais para mim, pensou a gatinha, escondendo-se atrás de uma cadeira.

Os pequenos Lila, Lúcio e Carolina vieram correndo pela sala e apanharam o fone. O rom-rom parou.

"É a vovó!" gritaram. "Ela chamou para desejar-nos Feliz Natal. Feliz Natal vovó", disseram todos no telefone.

Depois gritaram: "Feliz Natal, mamãe e papai! Feliz Natal, todos".

Bolinha Fôfa nunca tinha visto tamanha algazarra e correria.

Quietinha, escapou para uma sala e escondeu-se atrás de uma pilha de pacotes brancos e vermelhos.

"Atchim", disse baixinho, quando um galho de pinheiro com purpurina fêz-lhe cócegas no nariz.

Bolinha Fôfa mal teve tempo de se esgueirar entre dois pacotes com laços vermelhos e tôda a família entrou e sentou-se ao redor, no chão.

Um enorme pedaço de papel branco voou de repente para onde ela estava. Depois veio uma fita verde. A seguir, uns papéis prateados. Em silêncio, a gatinha se escondeu sob a pilha de papel de presente que crescia.

Bolinha Fôfa estava com mêdo. Dobrou as patinhas brancas debaixo do queixo e deixou um ôlho fechar, depois abrir. Fechar e abrir. Fechar e mal abrir. Fechar...

A próxima coisa que Bolinha Fôfa percebeu foi um ruído de papel amassado em tôda a sua volta. E foi erguida junto com um montão de papel.

"Vou levar tudo isto para fora", disse Lúcio, quase no ouvido da gatinha.

Bolinha Fôfa havia perdido sua caixinha de rom-rom, mas não a de miau. E ligou-a a todo volume.

"Miau!" gritou.

"O que é isso?" perguntou Lúcio atirando os papéis no chão surpreendido.

"Onde foi isso?" perguntou Carolina.

"Foi aqui", disse a pequena Lila, vendo Bolinha Fôfa no meio da pilha de papel macio.

"Essa era sua surprêsa para depois da ceia", riu mamãe.

"Acho que Bolinha Fôfa não podia esperar mais", disse papai.

"Tenho uma família outra vez", pensou Bolinha Fôfa, enquanto se aconchegava nos bracinhos de Lila, e Lúcio e Carolina a alisavam.

Então, de repente, brincando com a patinha gentilmente no braço de Lila, Bolinha Fôfa sentiu cócegas na garganta. Muito suave, a princípio, mas depois começou a ficar mais e mais forte.

Bolinha Fôfa riu baixinho consigo mesma. "Eu era uma surprêsa para as crianças, mas também havia uma surprêsa para mim. Pensei que precisava de uma caixinha de rom-rom para me fazer feliz, mas quando estou feliz minha caixinha de rom-rom está bem dentro de mim".

"Feliz Natal", mumurou a pequena Lila nos ouvidos de Bolinha Fôfa.

"O mesmo para você", ronronou a gatinha.

Sociedade de Socorro

Embrulhado para Agradar

June F. Krambule

Fazer embrulhos de Natal ter-se-ia tornado uma tarefa enfadonha — e dispendiosa? Não precisa ser. Com pouco gasto você pode dar encanto e originalidade e acrescentar um toque de sua personalidade aos embrulhos de Natal. Seus amigos e familiares apreciarão imensamente sua atenção.

Eis algumas sugestões para despertar sua imaginação e aliviar um pouquinho o orçamento apertado do Natal:

À procura de materiais, remexa em seus apetrechos de costura e na cesta de tricô.

Em primeiro lugar, apanhe aquêles restos de lã que sobraram dos novelos. Amarre com êles um ou dois pacotes e enfeite com pom-pons fôfos, numa só côr ou em várias côres de lã. Personalise depois outro presente escrevendo o nome da pessoa que o recebe. Embrulhe o pacote simplesmente, com tecido branco, e então escreva o nome com fio de lã, grudado com cola comum de papel.

Talvez entre seus retalhos você encontre pedaços de organdi, renda ou nylon. Depois de aparar as bordas com tesoura de picotar, você pode reuní-los em bolas fôfas, para enfeitar pacotes bem embrulhados. Pode tentar cobrir pacotes inteiros com fazenda. Escolha a textura do pano e o padrão em relação ao tamanho dos pacotes. Fazenda fina e desenhos delicados ficam adoráveis em pacotes pequenos, enquanto que panos mais grossos e estampados maiores e mais brilhantes dão um ar festivo aos pacotes grandes.

Certa senhora que conheço embrulhou aventaizinhos de criança num pacote de flanela côr de rosa, delicada, com desenhos de carneirinhos. O pacote para sua mãe foi feito com organdi bem leve, sôbre fazenda branca, trazendo escondido no vistoso laço um perfume de bôlsa.

Enquanto ainda está remexendo em seus apetrechos de costura, não se esqueça de aproveitar vidrilhos — excelentes para enfeitar os presentes das crianças — ou lantejoulas, para as pessoas mais sofisticadas de sua lista. Você talvez encontre também pedacinhos de fêltro que podem ser cortados em forma de sininhos, árvores, velas e outros sàmbolos de Natal, para serem grudados nos pacotes.

As possibilidades de encontrar formas econômicas de embrulhar e decorar seus presentes de Natal são tão amplas quanto sua imaginação. Talvez enquanto você tenta algumas das sugestões aqui apresentadas surjam idéias suas, de coisas que estão ao seu alcance. Como uma senhora que conhecemos, você pode até lançar mão do aparelho de confeitar bôlo. Em pouco tempo encontrará recursos ilimitados em sua própria casa, que quebrarão a monotonia de embrulhar presentes e darão a cada pacote um toque inteiramente pessoal.

Porque os Mórmons...

(Conclusão da página 12)

ficado ao ressurgir dentre os mortos como "as primícias dos que dormem".

Cabia-lhe êsse direito? Ser-lhe-ia lícito fazer como lhe aprovasse em relação ao sábado, mudando-lhe o instituto? Sem dúvida, pois êle próprio fôra o doador da Lei e como tal possuía o direito de substituí-la quando houvesse terminado o período de sua vigência. Outra Lei e outro sábado foram estabelecidos pelo supremo Legislador do universo, uma vez que por suas próprias palavras declarara: "O Filho do Homem até do sábado é Senhor".

O Povo de Deus nos dias atuais está sob o Nôvo Convênio e deve ser fiel em oferecer ao Pai o verdadeiro sábado da Nova Era: o Dia do Senhor, chamado *domingo* em nossos calendários.

Conclusão

A questão da guarda dos sábados, como tantas outras de caráter religioso, tem provocado, através dos anos, desinteligências e controvérsias sem conta. Muito já se escreveu e discutiu sôbre a questão. Muitas coisas profundas e valiosas foram ditas, como também inúmeras foram as grosserias trocadas no aceso das disputas.

Não pretendemos abrir debate nem levantar controvérsias. O único objetivo que nos move é o de esclarecermos os santos a respeito de uma doutrina de que pouco temos falado na Igreja e que por isso mesmo deixa os membros intrigados quando entram em contato com pessoas de crença diversa.

Tôda vez que surge em tema de conversação um ponto controvertido de doutrina religiosa, a questão final acaba sendo a da *autoridade* para dirimir as dúvidas.

Como se pode chegar à certeza a respeito de qualquer questão religiosa, se até mesmo os maiores luminares do campo da teologia, em todos os tempos, têm apresentado interpretações tão discordantes a respeito das doutrinas aparentemente mais simples?

Chega mesmo a parecer que a leitura e análise dos textos sagrados, quanto mais aprofundadas, mais conduzem à confusão em lugar do entendimento entre os homens.

Para os santos dos últimos dias, entretanto, tôdas as disputas são fàcilmente superadas, uma vez que a doutrina última para dirimir dúvidas é o próprio Senhor; e sua palavra, por intermédio dos profetas vivos, é final em qualquer questão.

A respeito do dia do descanso disse êle ao profeta José Smith nos primeiros dias desta dispensação: "Mas, lembra-te de que nêste dia, o Dia do Senhor, oferecerás as tuas oblações e teus sacramentos ao Altíssimo, confessando os teus pecados aos teus irmãos e perante o Senhor" (D&C 59:12).

Todos os Presidentes da Igreja, desde o princípio, mantiveram-se fiéis em consagrar os sábados a Deus no Dia do Senhor. Mesmo nos tempos difíceis, quando a moderna Israel jornadeava pelos desertos do continente americano liderada pelo profeta Brigham Young em busca da terra prometida nos cumes das montanhas, a jornada era invariàvelmente interrompida no domingo e o Povo da Promessa armava suas tendas e dedicava aquele dia como sábado ao Senhor.

Reafirmando a Palavra de Deus para a nossa geração, o presidente David O. McKay, profeta do Senhor para os dias atuais, em declaração oficial da Primeira Presidência, dada a público pelo jornal Deseret News de 20 de junho de 1959, disse: "O sábado não é como outro dia qualquer, para descansar do serviço ou para passar com tôda leviandade de pensamento. É um dia santo, o Dia do Senhor, para ser aproveitado em adoração e reverência".

Bibliografia

A Bíblia Sagrada; versão de João Ferreira de Almeida.
O Nôvo Testamento (em grego); texto de Nestle.
Doutrina e Convênios; edição de 1961.
Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro; LeGrand Richards, edição de 1966.
Sunday, the True Sabbath of God; Samuel W. Gambler, edição de 1935; The Deseret Press.

Paz, Boa Vontade...

(Conclusão da página 4)

da boa vontade de Deus para com êles!

Se todo o homem nascido sôbre a terra tivesse como farol da sua vida êsses três gloriosos ideais, quão mais feliz e agradável seria a vida. Com um tal anseio, todos procurariam apenas o que é puro, honesto, virtuoso e verdadeiro — tudo o que leva à perfeição. Evitar-se-ia o que é impuro, desonroso e vil. Se todo o homem *desejasse* mostrar boa vontade para com seu semelhante e procurasse expressar êsse desejo em milhares de palavras amáveis e pequenos atos de altruísmo, que contribuição isso poderia representar para a paz universal e felicidade da humanidade!

O Natal é a época oportuna de renovar nosso desejo e fortalecer nossa determinação de fazer todo o possível para tornar real entre os homens a mensagem anunciada pelos anjos quando o Salvador nasceu. Glorifiquemos a Deus buscando o bem, a verdade, o belo! Lutemos por estabelecer paz sôbre a terra, exercendo para com os outros a mesma boa vontade que Deus demonstrou em relação a nós!

Possa o Natal de 1967 encontrar no coração de cada santo dos últimos dias o amor e o desejo de bendizer ao próximo. Em todos os lares e corações haja paz e boa vontade para com os homens. Onde habita essa paz não importa que o possuidor seja rico ou pobre, pois êle tem, além da paz que produz "indizível alegria", a certeza dada pelo Filho do Homem, quando disse: "Eu sou o pão da vida: aquêle que vem a mim nunca terá fome e quem crê em mim nunca terá sêde".

Paz, boa vontade e vida eterna são, então, as bênçãos que desejamos a todos, ao repetir uma vez mais a antiga e alegre saudação: "*Um feliz,* feliz Natal e próspero ano nôvo!"

(Continuação da página 7)

mentos remontam aos antigos, até mesmo ao próprio Adão.

"Há algo de curioso e coincidente" escreveu o cético C. F. Potter, "quase o que já se chamou de "providencial" o fato de os Pergaminhos do Mar Morto ... e os códices gnósticos ... terem sido descobertos no mesmo ano".[116] Ambos levantaram a cortina para um passado da Igreja com o qual nenhum homem sonhava. É um passado de grande amplitude e profundidade, remontando a vários séculos, no tempo, e cobrindo extensas áreas do Velho Mundo. É o mesmo passado do qual o Livro de Mórmon, de acôrdo com seu próprio relato, emergiu. O Livro de Mórmon mostra-nos uma fase antiga, porém uma fase que deixou suas marcas em documentos posteriores.

(continua)

NOTAS

* Em inglês: "No Man Knows my Story"; parece aludir à obra de uma autora norte-americana que tem êsse título e que acusa o Profeta Joseph Smith, entre outras coisas, de não ter deixado um relato claro da sua vida. (NT).

95 M. R. James, *Apocrypha Anedocta* (Universidade de Cambridge, 1893), ps. 174-7, Vol. 2, n.º 3 de *Texts and Studies*, J. A. Robinson, ed.

96 Dupont-Sommer, *Manuscrits de la Mer Morte*, p. 211; R. H. Charles, *Apocrypha and Pseudepigrapha II*, 282, 291 s. Vide gráfico comparativo no fim da obra de G. Molin, *Die Söhne des Lichtes*.

97 M. Philonenko, em *Revue d'Histoire et de Philosophie Religieuses*, 39 (1959), p. 28.

98 Philonenko, *Les Interpretations Chretiennes des Testaments des Douze Patriarches et les Manuscrits de Qumran* (Paris: Presses Universitaires, 1960), p. 50.

99 M. de Jonge, *The Testament of the Twelve Patriarchs* (Assen: Van Gorum, 1953), p. 123.

100 Philonenko, *op. cit.*, nota 97 acima, p. 123.

101 *Ibid.*, ps. 50,52.

102 Tha'labi, *Qissas al-Anbiyah*, ps. 75 s.

103 *O Evangelho da Verdade*, folio XIVr (p. 27).

103a. Pearl of Great Price. Liverpool Edition, 1851, p. 1; cf. Moisés 6:51.

104 *Testamento de Benjamim*, c. 3.

105 H. J. Schonfield, *Secrets of the Dead Sea Scrolls* (Londres: Vallentine, Mitchell, 1956), ps. 89, 131.

106 *Testamento de Zebulon*, 4:1-4. Os Padres cristãos elaboraram intrincados paralelos entre José e Jesus, e.g. Rupert, em Migne, Patrologia Latina, 167: 448s, 518-530.

107 Schonfield *op. cit.*, p. 150. Sôbre o Messias Filho de José, vide E. Wiesember, em *Vetus Testamentum*, 5 (maio, 1955) p. 306.

108 Bo Reicke, em *Svensk Exeget Arsbok*, 1945, ps. 5-30. Vide especialmente V. Sadek, "Der Mythus vom Messias dem Sohne Josephs", em *Archiv Orientalni*, 1965, ps. 27-43.

109 Y. Yadin, *The Message of the Scrolls*, p. 189.

110 A. N. Gilkes, *The Impact of the Dead Sea Scrolls* (Londres: Macmillan, 1962), p. 146.

111 A. R. C. Leaney, *Guide to the Scrolls*, págs. 85, 95.

112 J. T. Milik, *Ten Years of Discovery*, pág. 97.

113 R. F. Bruce, *Second Thoughts*, págs. 136 s.

114 K. G. Kuhn, em *Zeitschrfit für Kirche und Theologie*, 47 (1950), pág. 210.

115 Bruce, *op. cit.*, pág. 147.

116 C. F. Potter, The Lost Years of Jesus (Hyde Park: University Books, 1963), pág. 148.

Fiéis no Pouco, Fiéis no Muito

Durante a nossa *Campanha Promocional de Assinaturas*, temos recebido algumas surpresas bastante agradáveis, como esta carta de Irmão que soube compreender a justa medida da importância de que se reveste a maior circulação possível de A LIAHONA.

Aqui a publicamos como incentivo aos demais irmãos que ainda não nos escreveram manifestando o seu apôio e entusiasmo, e esperamos receber a pronta adesão de todos a êste grande empreendimento.

Joinville, 13 de outubro de 1967

Prezado Editor

Acusamos o recebimento de sua circular de 10 de outubro informando sôbre a grande CAMPANHA PROMOCIONAL DE A LIAHONA e queremos participar-lhe que estamos envidando todos os esforços para que esta Campanha obtenha o êxito esperado.

Outrossim, comunicamos-lhe que o número de famílias neste distrito eleva-se a 118 e não 59 como constou da referida circular.

Esperando que esta campanha tenha êxito absoluto, pois só assim estará preenchida a verdadeira finalidade da Revista, que é a de levar a mensagem dos nossos líderes a todos os lares SUD, manifestamos aqui o nosso entusiasmo e apôio à mesma.

Atenciosamente,
Aroldo P. Jeller
Secretário do Distrito de Joinville

Ao querido Irmão Jeller, nosso louvor e agradecimento, bem como a todos quantos participam nesta tarefa de divulgar a Palavra do Senhor.

O Editor

FÁBULAS de ESOPO

O LEÃO E O DELFIM

MILT HAMMER — BILL WALSH

UM DIA, UM LEÃO ACHOU UM DELFIM.

QUE MARAVILHOSO NADADOR VOCÊ É, DELFIM. EIS PORQUE VOCÊ É CHAMADO "REI DOS PEIXES!"

JÁ QUE AMBOS SOMOS REIS, DEVERÍAMOS NOS AJUDAR MÚTUAMENTE, NÃO?

FICO FELIZ EM TER O "REI DOS ANIMAIS" COMO MEU AMIGO.

DE REPENTE, UM BÚFALO ATACOU O LEÃO.

AJUDE-ME! DELFIM, AJUDE-ME!

MAS, O DELFIM, FORA D'ÁGUA ERA INÚTIL.

IROOOAR-R

FINALMENTE, O LEÃO CONSEGUIU ESCAPAR DO BÚFALO...

BELO AMIGO VOCÊ É, DEIXOU-ME SOZINHO!

MESMO SE O AMIGO QUER AJUDAR, NEM SEMPRE O CONSEGUE.

Feliz Natal







9 DEC 1997